



Programa de Pós-Graduação em
Saúde Coletiva
Mestrado e Doutorado Acadêmico

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE COLETIVA

ANA CLARA SILVA OLIVEIRA

**SINTOMAS DE NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES DO DEPARTAMENTO DE
SAÚDE DE UMA UNIVERSIDADE NO INTERIOR DA BAHIA**

FEIRA DE SANTANA-BA

2024

ANA CLARA SILVA OLIVEIRA

**SINTOMAS DE NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES DO DEPARTAMENTO
DE SAÚDE DE UMA UNIVERSIDADE NO INTERIOR DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva.

Área de Concentração: Epidemiologia

Orientador: Prof. Dr. José de Bessa Júnior

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Caroline Santos Silva

FEIRA DE SANTANA – BA

2024

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Oliveira, Ana Clara Silva
O45s Sintomas de nomofobia entre estudantes do departamento de saúde
de uma universidade no interior da Bahia/ Ana Clara Silva Oliveira. –
2024.
102f.: il.

Orientador: José de Bessa Júnior
Coorientadora: Caroline Santos Silva

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2024.

1. Nomofobia. 2. Transtornos fóbicos. 3. Transtornos de
comunicação. 4. Dependência (psicologia). I. Bessa Júnior, José
de, coorient. II. Silva, Caroline Santos, coorient. III. Universidade
Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Saúde
Coletiva. IV. Título.

CDU: 616.85:621.395

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

ANA CLARA SILVA OLIVEIRA

**SINTOMAS DE NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES DO DEPARTAMENTO
DE SAÚDE DE UMA UNIVERSIDADE NO INTERIOR DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da
Universidade Estadual de Feira de Santana, como pré-requisito para obtenção do título de
Mestre em Saúde Coletiva

29 de Novembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José de Bessa Júnior

Prof^a. Dr^a. Caroline Santos Silva

Prof^a. Dra. Ohana Cunha do Nascimento

Prof^a. Dra. Bruna Matos Santos Dantas

Prof^a. Dra. Monique Tonani Novaes



À Deus por ser a minha fonte de fortaleza, aos meus pais e a minha família por sempre acreditarem em mim e nos meus sonhos.

Ao meu irmão pelo apoio incondicional e encorajamento.

À todos os estudantes universitários que buscam ardentemente conquistar o seu lugar ao sol e que percorrem essa jornada acadêmica tão solitária, recheada de desafios. Que as suas vozes sejam ouvidas e que possamos encontrar um ambiente acadêmico mais acolhedor.

AGRADECIMENTOS

“Nós somos um mosaico de todas as pessoas que amamos”

Minha eterna gratidão à Deus por ter me conduzido até aqui, me dando muita força e sabedoria para encarar as adversidades que superei durante esse período, por todas as vezes que essa caminhada foi solitária e E'le nunca saiu do meu lado, iluminando os meus passos e me guiando em todos os lugares, o meu muito obrigada por não ter me deixado um dia sequer, Abba.

À minha mãe por todo gesto de amor incondicional, por ser o meu abrigo e porto seguro e por colorir o meu mundo quando as vezes ele fica cinza... Ao meu pai que abaixo de sol dirige e pega estrada todos os dias, para que eu na sombra, pudesse dirigir a minha vida no caminho dos meus sonhos. À minha vó por ser o meu refúgio e lugar de afago onde me reconecto com a minha essência. Ao meu irmão Caio por todo amor, encorajamento e apoio incondicional. Aos meus queridos tios Neuza, Carlinhos, Nezito e Tela que sempre me incentivaram a estudar e sempre estiveram comigo em todas as situações.

À minha querida tia Ieda pelas orações emanadas a mim e que me ensina diariamente a ter todos os dias intimidade com Deus.

Ao meu orientador José de Bessa que é uma fonte de inspiração constante para seus alunos, tenho muito orgulho de ter sido sua aluna e agradeço por essa jornada rica de aprendizagem.

À minha co-orientadora Caroline por me acompanhar desde a época da graduação e me apresentar o mundo da pesquisa, me mostrando diariamente que nós mulheres podemos ocupar outros espaços, obrigada por todo acolhimento, amizade, zelo, carinho e conhecimentos dispensados à mim.

À Jaciele, minha parceira do mestrado, eu nunca vou esquecer o tanto que você me ajudou quando ninguém mais estava lá, gratidão eterna por me ouvir e pela amizade linda que construímos.

As minhas amigas, Renata e Rebeca por todo amor, pelos longos anos de amizade, pela torcida incansável, pelos incentivos diários e por entender os meus momentos de ausência, eu amo vocês.

À Filipe Lucero, por toda ajuda dispensada à mim nesse processo.

À Bruna Dantas por ser um exemplo de profissional, amiga e mãe.

Ao meu tesouro Juliana, pelos belos e mais lindos conselhos, por sermos a família uma da outra quando as nossas estão longe..

Aos presentes que ganhei no mundo da Pesquisa Clínica: Anne, Lorena, Nathália, Thanyelle, Ruth e Suane, obrigada pela torcida, pela amizade e por todo carinho.

À equipe UroS pelo acolhimento, parceria e troca de conhecimentos, em especial Ana Samiry, Fernanda, Virna e Jean que fizeram parte da construção desse projeto.

Ao Programa de Saúde Coletiva da UEFS, à todos os funcionários, professores e colegas, pela troca diária de conhecimento e momentos que enriqueceram a minha bagagem profissional, em especial Almira.

À FAPESB pela concessão da bolsa de mestrado, à CAPES por apoiar jovens pesquisadores.

Aos Estudantes Universitários que colaboraram para que essa pesquisa acontecesse.

À todas as pessoas que não foram citadas aqui, mas que de alguma forma me ajudaram e contruíram tornando essa caminhada mais leve e feliz...O meu muito obrigada!

“O que é realmente bonito sobre a ciência é que você pode sempre aprender mais e fazer novas descobertas”.
Rosalind Franklin

RESUMO

Introdução: A nomofobia é caracterizada como vício comportamental decorrente da interação do ser humano com o *smartphone*, os indivíduos desenvolvem medo absoluto de não estar em contato com o celular e a necessidade de manter o aparelho sempre próximo. Os sintomas de nomofobia vem se tornando um fator crucial para a redução da qualidade de vida dos indivíduos, sendo associado também a fatores que contribuem para comprometimentos funcionais, que afetam atividades habituais. Estudantes Universitários são o público com maior vulnerabilidade em desenvolver sintomas de nomofobia, pois cresceram conforme a expansão das tecnologias. A nomofobia ainda não é caracterizada como doença e é um tópico pouco explorado na literatura. Nessa dissertação os resultados apresentados são discutidos em formato de artigo, aspectos dos sintomas de nomofobia entre estudantes universitários. **Objetivo:** Identificar a prevalência de sintomas de nomofobia entre estudantes universitários e fatores associados (Artigo 1 e 2). **Método:** Foi realizada uma revisão integrativa (Artigo 1) utilizando a técnica População, Conceito e Contexto (PCC). O artigo 2 foi produto de um estudo de corte transversal que avaliou 318 estudantes universitários de uma Universidade no interior da Bahia, conduzido pela aplicação de questionários para avaliar dados sociodemográficos, hábitos de vida, questões únicas que avaliam ansiedade e depressão e a implementação do instrumento validado no Brasil para detectar sintomas de nomofobia entre estudantes universitários, o *Smartphone Addiction Inventory BR* (SPAI-BR). O projeto foi aprovado pelo CEP/UEFS. A análise estatística foi realizada através do software estatístico *GraphPad Prism*, versão 9.0.3, San Diego-CA, EUA. **Resultados:** Entre os Estudantes Universitários observa-se uma alta prevalência em desenvolver sintomas de nomofobia. No artigo 1, a prevalência média da nomofobia entre os artigos selecionados foi de 61,72% e no artigo 2 a prevalência de sintomas de nomofobia foi encontrada em 60,9% dos estudantes universitários. Não conseguimos identificar uma causalidade da nomofobia, devido a metodologia dos estudos, mas existem fatores associados ao aparecimento dos sintomas como a ansiedade, estresse e depressão. Os achados ainda demonstram que a quantidade de horas em uso do *smartphone* e marca de celular possuem relação estatisticamente significativa com a nomofobia. **Conclusão:** Essa dissertação não consegue estabelecer uma relação causal da nomofobia, mas evidencia uma amplitude para um tema relativamente novo e permite o incentivo para promover novas pesquisas e a realização de políticas públicas institucionais, bem como levar conhecimento para a população afim de realizar práticas protetivas, permitindo que o indivíduo possa relaxar e se reconectar com o mundo real.

Palavras-Chave: Nomofobia; Estudantes Universitários; Adição de Smartphone.

ABSTRACT

Introduction: Nomophobia is characterized as a behavioral addiction resulting from human interaction with the smartphone. Individuals develop an absolute fear of not being in contact with the cell phone and the need to keep the device close at hand. The symptoms of nomophobia have become a crucial factor in reducing the quality of life of individuals, and are also associated with factors that contribute to functional impairments, affecting habitual activities. University students are the most vulnerable to developing symptoms of nomophobia, as they have grown up in line with the expansion of technology. Nomophobia is not yet characterized as a disease and is a topic that has been little explored in the literature. This dissertation presents in article format aspects of nomophobia symptoms among university students. **Objective:** The aim of the articles was to identify the prevalence of nomophobia symptoms among university students and associated factors (Articles 1 and 2. **Method:** An integrative review (Article 1) was carried out using the Population, Concept and Context (PCC) technique. Article 2 was the product of a cross-sectional study that evaluated 318 university students from a university in the interior of Bahia, conducted by applying questionnaires to assess sociodemographic data, lifestyle habits, single questions that assess anxiety and depression and the implementation of the instrument validated in Brazil to detect symptoms of nomophobia among university students, the SPAI-BR. The project was approved by the CEP/UEFS. Statistical analysis was carried out using GraphPad Prism statistical software, version 9.0.3, San Diego-CA, USA. **Results:** Among university students, there was a high prevalence of developing symptoms of nomophobia. In article 1, the average prevalence of nomophobia among the selected articles was 61.72% and in article 2 the prevalence of nomophobia symptoms was found in 60.9% of university students. We were unable to identify the causality of nomophobia due to the methodology of the studies, but there are factors associated with the appearance of symptoms such as anxiety, stress and depression. The findings also show that the number of hours spent using a smartphone and the brand of cell phone are statistically significantly related to nomophobia. **Conclusion:** This dissertation does not succeed in establishing a causal relationship between nomophobia, but it shows the breadth of a relatively new topic and provides an incentive to promote new research and institutional public policies, as well as bringing knowledge to the population in order to carry out protective practices, allowing the individual to relax and reconnect with the real world.

Keywords: Nomophobia; College Students; Smartphone Addiction.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 (Artigo 1): Mapa de literatura da revisão integrativa sobre prevalência de Nomofobia entre Estudantes Universitários

Figura 1 (Artigo 2): Pontuações do *Smartphone Addiction Inventory* – Brasileiro (SPAI-BR) avaliadas por domínio

Quadro 1 (Artigo 1): Síntese de Estudos sobre Prevalência de Nomofobia entre Universitários

Quadro 1: Domínios do SPAI-BR

Tabela 1: Características Sociodemográficas de Estudantes Universitários de uma Universidade no interior da Bahia

Tabela 2: Hábitos de Vida e Condições Clínicas dos Estudantes Universitários do Departamento de Saúde de uma Universidade no interior da Bahia, Brasil

Tabela 3: Relação dos sintomas de nomofobia com tempo de uso do celular

Tabela 4: Sintomas de Nomofobia e Fatores associados

Tabela 5: Comparação de curvas ROC dos domínios do SPAI-BR

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Conselho de Ética em Pesquisa

CID-11 – Classificação Estatística Internacional de Doenças, 11ª Revisão

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

COVID-19 – Doença do Coronavírus

DSAU – Departamento de Saúde

DSM-5 – Manual de Diagnósticos Estatísticos de Transtornos Mentais, 5ª Edição

MPPUS – Mobile Phone Problematic Use Scale

NMP-Q – Nomophobia Questionnaire

OMS – Organização Mundial da Saúde

S-SCALE-M – Smartphone Use Propensity Scale for Young People

SAS-SV – Smartphone Addiction Scale Short Version

SARS – Self Rating Anxiety Scale

SPAI – Smartphone Addiction Inventory

SPAI-BR – Smartphone Addiction Inventory - Brasileiro

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

REDCap – Research Electronic Data Capture

RP – Razão de Prevalência

PCC – População, Conceito e Contexto

UROS - Grupo Urologia Subgrupos Populacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 OBJETIVOS	17
2.1 OBJETIVO GERAL	17
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	17
3 REVISÃO DE LITERATURA	18
3.1 NOMOFOBIA	18
3.2 PROCESSOS FORMATIVOS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	20
3.3 PANDEMIA E MODIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES COM TECNOLOGIAS	21
4 REFERENCIAL TEÓRICO	23
4.1 NOMOFOBIA ENTRE UNIVERSITÁRIOS: REFLEXÕES A PARTIR DA VULNERABILIDADE EM SAÚDE	23
5 METODOLOGIA	26
5.1 NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	26
5.2 PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE: FATORES ASSOCIADOS	26
5.2.1 Tipo de Estudo	26
5.2.2 Campo de Estudo	27
5.2.3 Participantes do Estudo	27
5.2.4 Procedimento de Coleta de Dados	28
5.2.5 Análise dos dados	32
5.2.6 Aspectos Éticos	32
6. RESULTADOS	34
NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	35
PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE: FATORES ASSOCIADOS	55

7 CONCLUSÃO	74
10 REFERÊNCIAS	76
11 APÊNDICES	84
APÊNDICE A: CARD PARA DIVULGAÇÃO DA PESQUISA	84
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	86
ANEXO B: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO: “NOMOFOBIA ENTRE OS ESTUDANTES DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA”	88
ANEXO C: PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	99

APRESENTAÇÃO

Essa dissertação foi iniciada em Abril de 2022 e faz parte de um dos projetos desenvolvidos pelo Grupo Urologia Subgrupos Populacionais (UroS) intitulado “Condições de Saúde dos Estudantes do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana”. Possui vinculação com a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) através da Resolução CONSEPE: 088/2022.

Segue o padrão exigido pelo Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva regido pela Resolução CONSEPE 058/2022 e possui a seguinte organização: Introdução, Objetivos, Revisão de Literatura, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados e Conclusão.

Na Introdução é apresentada o conceito de Nomofobia e uma breve contextualização, apresento também a justificativa do tema escolhido e a sua relevância para a sociedade, bem como para a saúde coletiva. Posteriormente, são apresentados os objetivos do estudo.

O tópico de Revisão de Literatura aborda a nomofobia na sociedade, os processos formativos do estudantes, pandemia e a modificação da relação com as tecnologias. O Referencial Teórico foi motivado pela vulnerabilidade em saúde de Ricardo Ayres trazendo um olhar para o contexto dos Estudantes Universitários.

Sobre a Metodologia, foi detalhado as particularidades do estudo, descrito de uma forma sucinta a descrição das variáveis escolhidas para a formação dessa pesquisa, bem como as bases de dados utilizadas, critérios de elegibilidade, coleta de dados e por último a análise dos dados coletados. Os resultados e discussão deste trabalho foram organizados em 02 artigos :

Artigo 1: Nomofobia entre Estudantes Universitários: Uma Revisão Integrativa

Artigo 2: Prevalência de Nomofobia entre Estudantes Universitários: Fatores Associados.

1 INTRODUÇÃO

Com a expansão das tecnologias no século XXI, indivíduos passaram a desenvolver interações com aparelhos tecnológicos como computadores e dispositivos móveis de acesso à internet (Morilla *et al.*, 2020). Essa interação, cada vez mais tem modificado o modo de relacionamento interpessoal da sociedade desenvolvendo nos indivíduos, novos hábitos e comportamentos pela necessidade constante de se manterem atualizados pela gama de informações disponibilizadas nos recursos tecnológicos (Bianchessi, 2020).

No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2021 demonstrou que houve um aumento no consumo de internet entre os usuários, as mulheres lideram o ranking de pessoas que mais utilizam, jovens entre 20 e 24 anos estão entre o grupo populacional que mais adotam a internet em seu cotidiano (IBGE, 2022).

O celular é o equipamento tecnológico mais utilizado para obter informações chegando a 98,8% de uso comparado a outros aparelhos tecnológicos, tendo como finalidade de utilização, em sua maioria, a manutenção das relações interpessoais e assistir programas de séries e vídeos. Dentre as tecnologias existentes, o uso do celular é maior entre estudantes acima dos 10 anos de idade (IBGE, 2022).

A interação com esses recursos tecnológicos pode produzir no ser humano sintomas de dependência (Morilla *et al.*, 2020). A dependência pode ser definida como um processo comportamental que oferece para o indivíduo sensações de prazer e alívio de um possível desconforto interno, podendo ser caracterizada por uma falha recorrente de não conseguir controlar um comportamento, gerando no sujeito impotência e a continuidade dessa ação (Goodman, 1990).

As dependências tecnológicas são caracterizadas por um grupo de transtornos, que possuem como principal fator, a incapacidade de controlar o uso das tecnologias mesmo que esses, estejam produzindo sensações negativas e/ou prejuízos na qualidade de vida (Khoury, 2016). Atualmente, a mais preocupante dependência tecnológica, é a dependência de *smartphone* (DS) com o crescente número de usuários e serviços ofertados (Amorim, 2020). A existência de um aparelho de mão que pudesse obedecer a tantos comandos, substituísse cartas e que permitisse uma comunicação rápida e instantânea com qualquer pessoa do mundo, bem como manter atualizações frequentes de notícias e informações, há algumas décadas, era algo impensável (Dultra, 2016).

Foi a partir dos anos 90 que os aparelhos celulares tiveram um avanço significativo no mercado e, com o passar dos anos, tornou-se algo essencial na vida dos indivíduos (Dultra, 2016). A implementação de comandos que antes eram propriamente do computador nos *smartphones*, principalmente devido ao uso da internet, é um facilitador para o desenvolvimento de DS (Picon *et al.*, 2015). Essa dependência pode também ser chamada de nomofobia, que vem sendo altamente estudada na última década (Jeong *et al.*, 2016; Khoury *et al.*, 2019).

A nomofobia é caracterizada pelo medo absoluto de não estar em contato com o celular, sentindo a necessidade de manter o aparelho sempre próximo (Bianchessi, 2020). Esse medo decorre principalmente pela falta de acesso às redes sociais e internet e, consequentemente afeta diretamente a saúde mental dos sujeitos que apresentam esses sintomas (Gonçalves *et al.*, 2022).

Apesar de existir benefícios em utilizar o *smartphone* e ser atualmente um aparelho essencial para a população, os sintomas de nomofobia vem se tornando um agravante para a redução da qualidade de vida dos indivíduos, sendo associado também a fatores que contribuem para comprometimentos funcionais que afetam atividades habituais, como distúrbios do sono, sintomas ansiosos e depressivos, dificuldades de concentração, problemas visuais, dores nas articulações do pescoço, punho e nas costas, e é também um grande facilitador para redução de atividades físicas (Kim *et al.*, 2015; Nascimento *et al.*, 2020).

O isolamento social decorrente da pandemia do Covid-19 foi um grande motivo para que a população recorresse ao uso de *smartphone* como uma estratégia de comunicação, aproximação com amigos, familiares e distração, o que impactou efetivamente no aumento do uso de telas (Abdon, 2022). Sendo bastante utilizado para escapar temporariamente das experiências desagradáveis e estresse do mundo real (Lee *et al.*, 2023).

Em um estudo Longitudinal da Saúde do Adulto (ELSA-BR) descreveu em sua pesquisa que houve um aumento de 62,2% da exposição contínua a telas de celulares, demonstrando um impacto significativo da Covid-19 sobre a saúde dos participantes (Szlejf *et al.*, 2023). Esse consumo pode vir a desencadear fatores que afetam os indivíduos a depender do ciclo de vida, crianças podem apresentar problemas de comportamentos, adolescentes desenvolvem problemas de autoagressão relacionada ao uso de telas, adultos referem mais estresse, ansiedade e depressão e em idosos o alto

índice de sofrimentos psicológicos, vale ressaltar que o conteúdo utilizado também pode exercer impacto importante sobre a saúde mental dos indivíduos (Santos, 2023).

Dentre os grupos populacionais mais vulneráveis aos sintomas de nomofobia destacam-se os estudantes universitários (Bianhci; Phillips, 2005; Head; Ziolkowski, 2012; Shambare *et al.*, 2012; Al-Barashdi *et al.*, 2015). Além disso, estudantes do sexo feminino têm maior chance de desenvolver a dependência quando comparados aos estudantes do sexo masculino (Abu-Jedy, 2008; Devis-Devis *et al.*, 2009; Chóliz, 2012; Mei *et al.*, 2012).

Os sintomas da nomofobia vem sendo estudados no Brasil e no mundo, no entanto, ainda há uma certa escassez de dados na literatura, sendo fundamental entender e determinar os fatores associados a essa dependência nesta população, sobretudo nos aspectos que envolvem o pós isolamento decorrente da pandemia do Covid-19 (Amorim, 2020; Furtado *et al.*, 2003). O aumento excessivo de atividades *online* a longo prazo, pode ser algo difícil de ajustar, trazendo consequências de comportamentos aditivos, perda de qualidade de vida e impactos na diminuição de atividades físicas que contribuem para agravos de condições de saúde (Mota *et al.*, 2021).

Esse estudo surge do meu interesse pessoal em compreender melhor os impactos da nomofobia no comportamento e bem-estar das pessoas. Vivenciando diariamente a dependência excessiva de dispositivos móveis, tanto no meu círculo social quanto em minha própria rotina, percebi como a conexão constante pode afetar a saúde mental, a produtividade e até os relacionamentos interpessoais. Essa reflexão me motivou a investigar mais profundamente esse fenômeno, buscando não apenas entender suas causas e efeitos, mas também contribuir para estratégias que promovam um uso mais equilibrado da tecnologia.

A justificativa dessa pesquisa se dá pela importância em entender os fatores associados a crescente utilização de *smartphones* pela população, avaliar os impactos biopsicossociais nas diversas esferas da vida cotidiana desse subgrupo. Esse estudo pretende preencher uma lacuna em estudos brasileiros e abre espaços para a necessidade de pesquisas sobre este perfil, bem como as condições de saúde de estudantes universitários, contribuindo diretamente para a busca de estratégias e atitudes de práticas protetoras, comportamentais, racionais e/ou intersubjetivas entre os universitários e que podem mitigar aspectos negativos tanto nos ambientes acadêmicos quanto na sociedade.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- ❖ Identificar a prevalência de sintomas de nomofobia entre os estudantes do Departamento de Saúde em uma Universidade Pública no interior da Bahia.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- ❖ Investigar as possíveis associações entre as variáveis sociodemográficas, hábitos de vida e sintomas de nomofobia nos estudantes do Departamento de Saúde de uma Universidade no interior da Bahia.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesse capítulo são abordadas questões fundamentais para a condução do estudo, sendo descritos nos seguintes tópicos: Nomofobia; Processos formativos de estudantes; A pandemia e a modificação da relação com as tecnologias.

3.1 NOMOFOBIA

O termo nomofobia é originado da expressão *no mobile* que significa *sem celular* com a junção da palavra *fobos* que vem do grego, *fobia* (King; Nardi; Cardoso, 2014). Foi identificada como fenômeno social pela primeira vez na Europa, em uma pesquisa piloto realizada pelo *UK Office* no Reino Unido em 2008, descobriu-se que cerca de 53% dos britânicos entrevistados sentiam sensações de medo e ansiedade irracionais quando estes eram distanciados dos seus aparelhos celulares (Bhattacharya *et al.*, 2019). Desde então, pesquisadores vem desenvolvendo estudos nessa temática com a finalidade de evidenciar os possíveis efeitos de dependência (Bhattacharya *et al.*, 2019).

A nomofobia é conhecida como vício comportamental decorrente da interação entre o ser humano e as tecnologias de comunicação, nesse caso a utilização constante do *smartphone* pode desenvolver problemas psicológicos de dependência (Darvishi *et al.*, 2019). Vale ressaltar que o *smartphone* em si não é o causador da dependência, mas a relação do consumidor com conteúdos e aplicativos acessados, estão totalmente entrelaçados. (Khoury, 2016).

Os possíveis conteúdos que podem levar a dependência são os serviços de redes sociais como *Twitter*, *Instagram*, *Whatsapp* e *Facebook*, serviços de entretenimento como músicas/vídeos e jogos eletrônicos (Jeong *et al.*, 2016). Ficar sem conexão e sem realizar atualizações nas mídias sociais estão entre as principais causas de nomofobia, que pode ser classificada atualmente como uma patologia da modernidade (King; Nardi; Cardoso, 2014).

Em uma metanálise realizada por Humood *et al.*, (2021) estimou-se que a prevalência global de nomofobia seria de aproximadamente 70% para casos moderados e 20% para os casos graves, existe sobretudo uma maior relevância entre os indivíduos adultos jovens e estudantes universitários, onde se destacam como os sujeitos mais susceptíveis a desenvolver sintomas de nomofobia (Humood *et al.*, 2021).

Os indivíduos que desenvolvem nomofobia passam a sentir desconfortos internos

relacionados a ansiedade, angústia, nervosismo, taquicardia, tremores, sudorese excessiva, alterações na respiração e outros sintomas, quando não se está em uso do aparelho celular (King; Nardi; Cardoso, 2014).

Além de desenvolver prejuízos emocionais e sociais, os sujeitos podem apresentar prejuízos físicos de diminuição de produtividade, posturas corporais inadequadas decorrentes dos movimentos repetitivos, dores na coluna e articulações ocasionado pelo manuseio inadequado do celular, desalinhamento das vértebras, problemas na visão e perda de sono, o que impacta diretamente a qualidade de vida do indivíduo (Pádual *et al.*, 2019).

Gonçalves e colaboradores (2022), afirmam que se faz necessário a investigação da nomofobia, tendo em vista que os sintomas apresentados pelos indivíduos se assemelham a manifestações comportamentais de outros tipos de vícios e afetam diretamente no estilo de vida, nos processos relacionados ao ambiente de trabalho, academias de ensino e nas relações sociais. A nomofobia ainda não é considerada doença pela Classificação Internacional de Doenças (CID-11) (OMS, 2019).

O seu conceito patológico foi programado a partir dos critérios específicos de *fobia* encontrados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (King *et al.*, 2010). O tratamento para nomofobia ainda se encontram limitados devido ao conceito ser relativamente novo, no entanto, modalidades de tratamento são realizadas, utilizando a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) que garante:

- Autonomia do sujeito em torno do reconhecimento do que é excesso e patológico;
- Atuam com foco em reestruturação cognitivas das dependências patológicas;
- Aprendizagem em torno de técnicas de relaxamento para manejo da ansiedade e amenização dos sintomas;
- Utilização da técnica *mindfulness*, em alguns casos se faz necessário a utilização medicamentosa de farmacológicos para os sintomas desenvolvidos (King; Nardi; Cardoso, 2014).

3.2 PROCESSOS FORMATIVOS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

A influência da internet no século XXI é marcada por processos formativos mais digitalizados, as famosas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) vem ganhando grandes espaços na sociedade (Roza, 2017). As TICs são um conjunto de tecnologias que viabilizam o acesso e a propagação de informações e conhecimentos, estes recursos estão sendo bastante utilizados no meio acadêmico e são associadas ao uso de computadores, tablets e celulares com acesso a internet (Roza, 2017).

O que antes era repassado através de livros, jornais e/ou pelo próprio conhecimento técnico/científico do profissional de educação, hoje encontram-se disponíveis em diversas plataformas e base de dados, essa é era digital, que permite que a existência da difusão do conhecimento se finda em oportunidades disponíveis *online*, para desenvolver, complementar e/ou finalizar uma formação (Lamana *et al.*, 2021).

Desse modo, as novas metodologias de ensino em ambientes universitários, sofreram também grandes impactos a partir do desenvolvimento tecnológico, pode-se observar que a introdução de atividades *online* possibilitaram a evolução acadêmica, abrindo espaços também para a existência de cursos e aulas nas modalidades EaD e o auxílio de plataformas para garantir a dinamização de aulas mais modernas (Rodrigues, 2016).

Partindo desse pressuposto, as TICs surgem também como auxílio na necessidade dos docentes em integrar os seus saberes com as tecnologias, para a formação contínua e científica atuando como forma de apoio ao profissional educador, desse modo uma ferramenta de articulação entre as potencialidades educativas pedagógicas e novas estratégias de ensino-aprendizagem aos alunos (Espindola; Gianella, 2018).

Essas tecnologias surgem no meio acadêmico proporcionando aos universitários um processo de transição da vida de estudante para a vida profissional garantido a realização de habilidades e aptidões exigidos no panorama de trabalho (Ricoy; Couto, 2013). As novas metodologias ativas que possuem auxílio das tecnologias digitais podem garantir ao estudante uma aprendizagem colaborativa desde que a insituição e os alunos tenham recurso para tal atividade, mas para que funcione de modo adequado, é importante que exista uma relação do saber com a interação social, independente de existir ou não o aparato tecnológico (Sales; Boscarioli, 2020).

Apesar da existência dos benefícios relacionados a aprendizagem, novos ideais e a abertura de um olhar para outros horizontes, surgiram no meio acadêmico, alguns atos

indesejáveis com o uso do celular em salas de aula, como o aumento do uso exacerbado das redes sociais que podem facilitar o distanciamento dos alunos com o mundo real (Rodrigues, 2016). De acordo com King e Nardi (2014), a nomofobia é um efeito ocasionado pela disseminação das TICs e do consumo das tecnologias utilizados diariamente.

3.3 PANDEMIA E A MODIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES COM AS TECNOLOGIAS

A pandemia ocasionada pelo COVID-19 alterou a forma como algumas atividades habituais eram executadas, o isolamento social, método utilizado para desacelerar a curva de contágio da doença fez das TICs uma maneira mais rápida de manter as comunicações, tanto como método de estabelecer relações sociais quanto para reorganizar uma nova forma de trabalho e ensino à distância, havendo a necessidade de uma reinvenção da docência e de outras profissões (Riva *et al.*, 2021).

Foi a partir de 17 de março de 2020 que a Portaria nº 343 do Ministério da Educação (MEC) autorizou a substituição das aulas presenciais por aulas realizadas exclusivamente em plataformas digitais, enquanto durasse o período de pandemia (BRASIL, 2020). O ensino remoto passou a ser um planejamento para formação dos universitários, utilizado para minimizar a situação no período de calamidade pública. As estratégias de implementação de tecnologias digitais aconteceram tanto no meio acadêmico relacionado aos processos de educação, quanto nos cuidados de saúde (Silva *et al.*, 2022).

De acordo com Silva *et al.*, (2024) houve uma mudança significativa nos hábitos da sociedade relacionadas as questões de avanço tecnológico e isolamento social, a pandemia foi somente um gatilho para a contribuição do consumo de dispositivos móveis, pela praticidade e necessidade de inserir a tecnologia em práticas de dia-a-dia. Desse modo, é possível identificar que durante a pandemia houve uma alteração na preferência de tela, os indivíduos passaram a utilizar mais os dispositivos móveis do que as televisões (Silva *et al.*, 2024).

Em um estudo realizado por Silva e colaboradores (2023), relatam que o acesso a internet foi o que facilitou o enfrentamento desse período, bem como as aulas online só conseguiram acontecer devido a rede de *wifi* ofertada nas residências, somada com o uso de dispositivos celulares para estudos. Isso também reflete nas mudanças em questões de acessibilidade aos *smartphones*, equipamentos, aplicativos e novas fontes de

informações, a disparidade dessas tecnologias pode ser um fator complexo quando se fala das inúmeras desigualdades que existem no ambiente acadêmico e na sociedade, relacionadas as diferentes inserções sociais (Silva *et al.*, 2022).

Desse modo, é importante pensar em como as plataformas digitais podem contribuir também para aumentar e/ou diminuir as equidades, visto que existe uma classificação digital que se divergem entre os grupos populacionais (Jahnel *et al.*, 2022)

Os estudantes adotaram ao decorrer do processo pandêmico um novo método de ensino, onde dependeram exclusivamente de acesso à internet em suas moradias, sobretudo nos reflexos das dificuldades individuais e familiares no que tange a respeito dos estudantes de baixa renda, minorias étnicas e moradores de regiões mais carentes do país que tiveram esse problema na oferta de equidade e nem todas as moradias tiveram suporte para captar sinal de celular e/ou internet (Castioni *et al.*, 2021).

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 NOMOFOBIA ENTRE UNIVERSITÁRIOS: REFLEXÕES A PARTIR DA VULNERABILIDADE EM SAÚDE

O processo de modernização na sociedade possibilita como consequência, a nomofobia em indivíduos, que passam a desenvolver problemas sociais, emocionais, físicos e também psicológicos decorrente da necessidade de estar em contato direto com o *smartphone* (Rabelo *et al.*, 2020). Estudantes Universitários estão entre o grupo populacional com maior risco de desenvolver esse vício (Darvishi *et al.*, 2019; Al-Barashdi, 2015; Prasad *et al.*, 2017).

Isso se dá pelo fato de que a universidade é um espaço onde a composição do seu público é majoritariamente formado por indivíduos adulto/jovens (Morilla *et al.*, 2020). Yldrin e Correia (2015) afirmam que não é uma surpresa que estudantes universitários sejam mais propensos a desenvolver nomofobia, visto que esses indivíduos cresceram conforme o processo de expansão das tecnologias. Além de que, no ambiente acadêmico, existe um contato maior com os aparelhos celulares para busca de informações e estudos (Machado; Eisenberg, 2023).

Há uma facilidade de distração quando estes passam a estudar através das telas (Machado; Eisenberg, 2023). Os estudantes universitários vivenciam um processo de transição e precisam se adaptar as diferentes formas de ensino e novas demandas. Diante desta nova realidade é muito comum a percepção de que a universidade seja um ambiente estressor e que pode impactar diretamente na qualidade de vida (Ariño; Bardagi, 2018). O estresse ocasionado pelo ambiente acadêmico é evidente entre os universitários e impacta diretamente no desempenho em sala de aula (Gomes *et al.*, 2020).

Principalmente quando estes são da área da saúde, por possuírem contato direto com o paciente, lidar com situações de morte, avaliar processos patológicos, insegurança nas realizações de primeiro exame físico e procedimentos, medo de adquirir doenças e manifestações físicas de desgaste emocional (Facundes; Ludermir, 2004).

A existência de fatores que contribuem para o aparecimento de transtornos, é maior. Estes aspectos associados a falta de uma rede de apoio de professores, colegas e familiares e a situação financeira, influenciam no sofrimento mental de estudantes da área da saúde (Facundes; Ludermir, 2004).

Sahu *et al.*, abordam em seu trabalho que estudantes de enfermagem possuem um

nível de estresse acentuado e o uso exacerbado do *smartphone* está diretamente relacionado com o nível de estresse e qualidade de sono.

Um estudo realizado por Netto (2019) na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) com acadêmicos de medicina, identificou que existe associação entre nomofobia e a insatisfação com o curso, embora em seu estudo não tenha estabelecido relações de causalidade, é importante salientar que a magnitude dessas informações é imprescindível para que haja maiores reflexões.

Investigar as condições de saúde desse grupo populacional e a sua relação com a nomofobia é um assunto muito relevante para saúde pública, tendo em vista a alta prevalência no desenvolvimento de transtornos mentais a exemplo de depressão, ansiedade e sintomas de estresse, que estão altamente relacionados ao aparecimento dos sintomas de nomofobia (Bayram; Bilgel, 2008; Matar Boumlesh *et al.*, 2017).

As demandas acadêmicas como provas, apresentação de seminário, estágios e cumprimentos de carga horária podem contribuir para o desenvolvimento de transtornos mentais e muitas vezes o mau desempenho em atividades acadêmicas, desenvolvendo sentimentos de desconforto e impotência (Gomes *et al.*, 2020).

O período pandêmico foi um facilitador no agravamento de transtornos mentais, pós-graduandos de universidades brasileiras possuem seis vezes mais chances de ter ansiedade ou depressão comparado com a população geral, os níveis são ainda maiores para as mulheres e transgêneros. Foram também encontrados nessa amostra a dificuldade para dormir, 82% estão desmotivados e 79% possuem problemas de concentração (Corrêa *et al.*, 2022).

O isolamento social decorrente do Covid-19 interferiu significativamente no aumento da incidência de nomofobia, principalmente em adultos jovens entre 20-29 anos, universitários e pós-graduandos (Marins, 2021). Dessa forma é possível observar a vulnerabilidade que essa população possui em desenvolver nomofobia (Darvishi *et al.*, 2019; Al-Barashdi, 2015; Prasad *et al.*, 2017).

O termo vulnerabilidade é designado para relacionar a suscetibilidade de pessoas e danos à saúde, sendo assim, todos os indivíduos tornam-se vulneráveis. Porém, é necessário reconhecer a suscetibilidade ao grau de risco, uma vez que a magnitude da vulnerabilidade não é a mesma entre os componentes de uma sociedade (Lorenzo, 2006). A probabilidade de um estudante universitário adoecer e/ou sofrer danos à saúde relacionada aos aspectos emocionais é maior comparado a outras pessoas (Prasad *et al.*, 2017).

Ayres *et al.*, (2006) aborda sobre os três pilares fundamentais para dimensão da vulnerabilidade. A dimensão individual onde todos os indivíduos são suscetíveis tomando aspectos próprios ao modo de vida, que contribuem para uma possível exposição; a dimensão social voltada para o acesso a informação, que remete a aspectos materiais, culturais, governamentais, políticos e morais que dizem respeito à vida em sociedade e dimensão programática focado nas instituições sociais e como elas propiciam os sujeitos a transformarem as relações, valores e interesses livres de situações de vulnerabilidade.

De modo mais específico, a vulnerabilidade busca compreender como indivíduos e/ou grupo de indivíduos são expostos a determinados agravos à saúde. Dimensionar a vulnerabilidade é avaliar como as conjunções sociais de saúde, educação e bem-estar cultural são extremamente atuantes em transparecer as condições de qualidade de vida de uma sociedade. Vale ressaltar que o cotidiano da população é entrelaçado à serviços de saúde, contexto familiar, escolas e universidades e, para evitar determinados riscos, é indispensável que existam focos programáticos atuando nesse sentido (Ayres *et al.*, 2006).

É necessário pensar na implementação de estratégias para viabilizar o cuidado integral em todos os âmbitos, principalmente no meio universitário, atividades que possam traçar metas terapêuticas e educativas devem ser propostas adotadas pelas instituições de ensino, estabelecer comissões capazes de implementar uma política institucional na área com o intuito de reconhecer as principais diferenças sociais e diferentes manifestações psíquicas dos estudantes universitários (Gaiotto *et al.*, 2020).

5 METODOLOGIA

Este estudo é um recorte do projeto matriz intitulado “Condição de Saúde dos Estudantes do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana”, possui institucionalização na UEFS pela resolução CONSEPE 088/2022. Neste capítulo são apresentados os materiais e métodos para a execução do estudo, foram organizados através de uma revisão integrativa e um estudo transversal.

5.1 NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Foi realizado uma revisão integrativa a luz de um mapa de literatura utilizando a técnica PCC (População, Conceito e Contexto) para identificar na literatura questões metodológicas retrospectivas que envolviam Nomofobia e Estudantes Universitários, sendo a população: Estudantes Universitários, o conceito: Nomofobia e o contexto: Fatores associados. A busca aconteceu nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS); *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal Capes, *Cochrane* através dos seguintes descritores: (*Nomophobia OR Smartphone Addiction*) AND *Mobile Phone* AND (*College Students OR University Students*) e seus correspondentes nas línguas português e espanhol.

Foram identificados 1.370 artigos, que foram analisados pelos títulos, seguidos de leitura dos resumos e selecionados 50 artigos para leitura completa. Após leitura minuciosa, foram selecionados 18 artigos para compor o quadro de revisão integrativa entre os anos de 2016 a 2023.

5.2 PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE: FATORES ASSOCIADOS

5.2.1 Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo observacional, foi realizado uma pesquisa de campo, com abordagem quantitativa, de caráter descritivo e exploratório do tipo corte transversal/seccional (Prodanov; Freitas, 2013). Tendo como finalidade descrever os fatores associados a nomofobia entre estudantes universitários a partir dos seguintes

objetivos:

- Identificar a prevalência de sintomas de nomofobia entre estudantes universitários;
- Identificar os fatores associados aos possíveis sintomas de nomofobia.

Os estudos transversais mensuram o prevalecimento de uma patologia, observa simultaneamente a associação do indivíduo exposto a doença e a consequência desse efeito de modo que venha analisar as carências vitais da população (Bonita; Beaglehole; Kjellström, 2010). Possibilita identificar a prevalência de um objeto de interesse, sem determinar relação de causalidade. Estão entre os estudos mais utilizados dentre os estudos epidemiológicos, principalmente pelas suas vantagens de baixo custo relativo e menor risco de perdas (Lopes, 2013).

5.2.2 Campo de Estudo

O estudo foi realizado na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), localizada na cidade de Feira de Santana – Bahia que ocupa o 2º lugar mais populoso do Estado e 34º do Brasil de acordo com os dados obtidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a cidade tem aproximadamente 624.107 habitantes (IBGE, 2021).

A coleta de dados aconteceu no Departamento de Saúde (DSAU), em 2023 a uefs UEFS 1.439 estudantes composto pelos seguintes cursos de graduação e pós-graduação: Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Odontologia, Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva, Mestrado Profissional em Enfermagem, Mestrado Profissional em Ciências Farmacêuticas, Residência de Medicina Geral de Família e Comunidade, Residência Multiprofissional em Saúde da Família, Residência Multiprofissional em Atenção à Urgência e Emergência e Doutorado Acadêmico em Saúde Coletiva.

5.2.3 Participantes do Estudo

Participaram dessa pesquisa, 443 estudantes universitários do DSAU/UEFS no período da coleta de dados (julho 2023 a julho 2024).

- Fazem parte dos critérios de inclusão desse estudo:
- Ter idade ≥ 18 anos
- Ser estudante de ambos os sexos, matriculado em algum curso de saúde ofertado pelo DSAU/UEFS;
- Possuir um *smartphone*;
- E que concordaram em participar dessa pesquisa mediante TCLE informado na plataforma REDCAP.

Estudantes que não completaram totalmente o questionário e que não forneceram os dados foram excluídos dessa amostra.

5.2.4 Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados ocorreu via questionário *online* disponibilizado na plataforma *Research Eletronic Data Capture* (RedCap) entre os meses de Julho de 2023 até Julho de 2024 (Harris *et al.*, 2009). Após acessarem o *link* do RedCap, os estudantes eram direcionados para leitura do TCLE e após aceite, eram encaminhados imediatamente para responder o questionário. Foi criado um e-mail destinado as dúvidas e envio do TCLE (Apêndice A) ao participante. O link de acesso foi disponibilizado através de *Whatsapp* de cada curso/turma, compartilhado nas salas de aula *folders* de divulgação com *qr-code* de acesso e colados cartazes nos corredores dos módulos de saúde para os estudantes do DSAU/UEFS.

Os participantes responderam 02 questionários, o primeiro contendo questões sociodemográficas e do curso: curso, renda, hábitos de vida, impactos da pandemia na saúde e nas relações. Foi incluída uma questão única para avaliar depressão a *Yale Single Question* (YSQ) (Lachs *et al.*, 1980) e uma questão única para avaliar ansiedade retirada do *General Anxiety Disorder* (GAD-7) essa questão foi selecionada com base no maior fator definido pela acurácia diagnóstica isolada do GAD-7 (Spitzer *et al.*, 2006).

Posteriormente os participantes responderam o questionário *Smartphone Addiction Inventory* (SPAI) desenvolvido e validado no Taiwan, contruído como fundamento em questionários de detecção de dependência de internet, as modificações desse questionário contém especificidades adaptadas para dependência de *smartphone* em estudantes universitários (Lin *et al.*, 2014).

O SPAI foi validado no contexto brasileiro (SPAI-BR) por Khoury e colaboradores (2016) contém 26 questões em formato dicotômico com objetivo de detectar a dependência de *smartphone* nos estudantes, pontuações de 9 ou mais respostas positivas caracterizam o indivíduo como dependente de *smartphone* (Apêndice B). O questionário se divide em 04 domínios que buscam avaliar o comprometimento compulsivo, funcional, síndrome de abstinência e síndrome de tolerância conforme tabela SPAI-BR abaixo (Quadro 1)

Quadro 1: Domínios do SPAI-BR

Comportamento Compulsivo	5 – Eu me sinto disposto a utilizar o smartphone mesmo quando me sinto cansado
	6 - Eu uso o smartphone durante mais tempo e/ou gasto mais dinheiro nele do que eu pretendia inicialmente
	7- Embora o uso do smartphone tenha trazido efeitos negativos nos meus relacionamentos interpessoais, a quantidade de tempo que eu gasto nele mantêm-se a mesma
	10- Eu me sinto incomodado ou para baixo quando eu paro de usar o smartphone por um certo período de tempo
	11- Eu não consigo controlar o impulso de usar o smartphone
	18- Minha atividade de lazer diminuíram por causa do uso do smartphone
	20- Minha vida seria sem graça se eu não tivesse smartphone
	21- Navegar no Smartphone tem causado prejuízos para a minha saúde física. Por exemplo, uso o smartphone quando atravesso a rua, ou enquanto dirijo ou espero algo e esse uso pode ter me colocado em perigo
	22- Eu tenho tentado passar menos tempousando o smartphone, mas não tenho conseguido
Comprometimento Funcional	8 – Em mais de uma ocasião eu dormi menos que quatro horas porque fiquei usando o smartphone
	12- Eu me sinto mais satisfeito utilizando o smartphone do que passando tempo com meus amigos
	13- Eu sinto dores ou incômodos nas costas ou desconforto nos olhos devido ao uso excessivo de smartphone
	15 – O uso do smartphone tem causado efeitos negativos no meu desempenho na escola ou trabalho

	17- Minha interação com meus familiares diminuiu por causa do meu uso no smartphone
	23- Eu tornei o uso do smartphone um hábito e minha qualidade de tempo total de sono diminuíram
	24- Eu preciso gastar cada vez mais tempo no smartphone para alcançar a mesma satisfação de antes
	26- Eu me sinto cansado durante o dia devido ao uso do smartphone tarde da noite/ de madrugada.
Síndrome de Abstinência	2- Eu me sinto desconfortável/ansioso/inquieto quando eu fico em usar o smartphone durante um certo período de tempo
	4- Eu me sinto inquieto e irritado quando não tenho acesso ao smartphone
	14- A ideia de utilizar o smartphone vem como primeiro pensamento na minha cabeça quando acordo de manhã
	16 – Eu sinto falta de algo ao parar o uso do smartphone por um certo período de tempo
	19- Eu sinto uma grande vontade de usar o smartphone novamente logo depois que eu paro de usá-lo
	25- Eu não consigo fazer uma refeição sem utilizar o smartphone
Síndrome de Tolerância	1- Já me disseram mais de uma vez que eu passo tempo demais no smartphone
	3 – Eu acho que tenho ficado cada vez mais tempo conectado ao smartphone
	9- Eu tenho aumentado consideravelmente o tempo gasto usando o smartphone nos últimos 3 meses

Fonte: Reproduzido de Amorim, 2020.

O Comprometimento Compulsivo está relacionado a necessidade do indivíduo se sentir obrigado a realizar uma determinada ação não conseguindo resistir ao impulso de não o fazer; o Comprometimento Funcional é voltado para a ação de algo que mesmo

sendo prejudicial ao indivíduo é realizado durante seus hábitos diários; a Síndrome de Abstinência é relativo ao indivíduo se sentir irritado e inquieto quando não realiza a atividade de adição e a Síndrome de Intolerância é relacionada a redução do sentimento de recompensa e a consequente necessidade de aumento da ação (Amorim, 2020).

5.2.5 Análise dos dados

Os dados das variáveis quantitativas, contínuas ou ordinais foram descritos por suas medidas de tendência central (medianas) e suas medidas de dispersão (desvio padrão), enquanto as variáveis nominais foram descritas por seus valores absolutos e porcentagens.

Para avaliar fatores associados aos sintomas de nomofobia entre estudantes da área da saúde foi utilizado o teste qui-quadrado e suas variantes apropriados para variáveis. A *Odds Ratio* (OR) ou Razão de Prevalência (RP) foi empregada como medida de magnitude da associação entre as variáveis categóricas com respectivo intervalo de confiança (IC 95%) como medidas de precisão dos resultados entre as variáveis independentes estabelecidas e a variável dependente. Valores de p menores que 0,05 ($p < 0,05$) foram considerados estatisticamente significantes.

O banco de dados foi construído através do *software* RedCap. O RedCap possui comandos que apresenta todas as análises descritivas. As checagens de consistência das informações e correções pertinentes foram realizadas, posteriormente foi feito o *download* do banco para o *excel* para realização da tabulação das variáveis e por último as análises de associação foram construídas no *GraphPad Prism*, versão 8.02, GraphPad Software, San Diego-CA, USA.

5.2.6 Aspectos Éticos

O estudo possui aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEFS pelo número de parecer 6.147.394. Para essa pesquisa foram seguidas as recomendações da Resolução nº 466/12 e da Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde a fim de atender aos princípios éticos que envolvem pesquisas com seres humanos. Estas resoluções incorporam sob a ótica do indivíduo e das coletividades os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica e aos sujeitos da pesquisa (Brasil, 2012; Brasil 2016).

Este estudo não trouxe benefícios diretos ao participante. O benefício da pesquisa

é voltado para as informações referentes ao perfil dos estudantes do DSAU da UEFS, considerando a necessidade de incorporar novas estratégias de proteção à saúde e ampliação da discussão do tema no meio acadêmico. Todavia, como risco desse estudo para participantes, observa-se que alguns deles podem sentir-se constrangidos e desconfortáveis ao responder questões sobre seus sintomas.

Como estratégia para reduzir os danos oriundos deste estudo, essa pesquisa é online o que possibilita a minimização de constrangimentos, todavia foi informado a todos os participantes no início e no fim do questionário a disponibilidade dos serviços prestados pelo Núcleo de Apoio Psicossocial e Psicopedagógico vinculado à UEFS. No TCLE (ANEXO A) será explicitada a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios e potenciais riscos e os incômodos que esta possa acarretar.

Os estudantes que aceitaram participar selecionarão a opção “aceito” na plataforma online REDCap autorizando sua participação voluntária na pesquisa. Não serão coletadas informações que identifiquem o sujeito, vale ressaltar que o REDCap é um instrumento de manutenção de sigilo e confidencialidade que permite estabelecer limites de acesso entre os pesquisadores de acordo com a função que os mesmos ocupam no estudo.

O TCLE foi redigido em linguagem acessível, clara e objetiva e será apresentado antes do questionário. Serão garantidos os seguintes aspectos: o sigilo e a privacidade dos participantes do estudo, a liberdade em se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e prejuízo e esclarecimentos em todo o curso da pesquisa. Aos participantes que optarem por informar o seu e-mail no questionário, será encaminhado uma cópia do TCLE.

Os dados foram armazenados no e-mail vinculado ao formulário *online* que foi gerenciado somente pelos pesquisadores. Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo, sob responsabilidade do coordenador desta pesquisa por cinco (05) anos e após este período todos os formulários e banco de dados serão deletados, assegurando desta forma a privacidade de todos os participantes envolvidos no projeto.

Ao final desse trabalho um relatório de atividades ao CEP/ UEFS, ao departamento de saúde e ao programa de pós-graduação em saúde coletiva.

6. RESULTADOS

Os achados dessa dissertação estão apresentados em formato de artigos científicos.

Artigo 1: Nomofobia entre Estudantes Universitários: Uma Revisão Integrativa.

Artigo 2: Prevalência de Sintomas de Nomofobia entre Estudantes Universitários da Saúde: Fatores Associados

NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Ana Clara Silva Oliveira¹

Caroline Santos Siva²

José de Bessa Júnior²

RESUMO

Introdução: Nomofobia é um termo relativamente novo que se refere ao medo irracional de ficar sem o *smartphone* ou sem acesso a ele. Esse comportamento surge da interação constante entre o ser humano e as tecnologias de comunicação, o uso excessivo do *smartphone* pode levar ao desenvolvimento de problemas psicológicos, incluindo sintomas de dependência e ansiedade. **Objetivo:** Identificar os sintomas de nomofobia e fatores associados entre estudantes universitários. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa retrospectiva sobre sintomas de nomofobia entre estudantes universitários da área da saúde, entre o período de 2016 a 2023. **Resultados:** Foram selecionados 18 artigos que abordaram uma relação negativa entre os sintomas de nomofobia e associações a transtornos mentais como ansiedade, depressão e estresse, desempenhos ruins nas atividades acadêmicas, falta de rede de apoio, problemas relacionados ao sono, mídias sociais e como fator de risco para o desenvolvimento dos sintomas, o sexo feminino possui uma maior prevalência. A prevalência média da nomofobia entre os artigos selecionados foi de 61,72%. **Considerações Finais:** Recomenda-se novas pesquisas com outros desenhos de estudos epidemiológicos a fim de avaliar este cenário para entender melhor os fatores associados a nomofobia, bem como a realização de uma implementação a nível institucional de políticas públicas para incentivar o uso consciente de *smartphones* entre estudantes universitários.

Palavras-chave: Nomofobia; Adição de Smartphone; Estudantes Universitários.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana

² Docente do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

INTRODUÇÃO

O século XXI é marcado pelo avanço tecnológico e utilização de computadores e dispositivos móveis de acesso à internet para estabelecer as comunicações (Morilla *et al.*, 2020). Essa crescente interação com dispositivos tecnológicos tem transformado profundamente as relações interpessoais na sociedade, criando novos hábitos e comportamentos (Darvishi *et al.*, 2019). Isso se deve à constante necessidade de estar atualizado por meio do vasto fluxo de informações oferecido por esses recursos tecnológicos (Bianchessi, 2020).

A tecnologia, ao facilitar o acesso à informação e a comunicação instantânea, tem reformulado como as pessoas se conectam e interagem, influenciando tanto os laços sociais quanto o estilo de vida cotidiano, e moldando uma nova forma de sociabilidade mediada pela tecnologia (Bianchessi, 2020).

A nomofobia é um termo relativamente novo que se refere ao medo irracional de ficar sem o smartphone ou sem acesso a ele. Esse comportamento surge da interação constante entre o ser humano e as tecnologias de comunicação, o uso excessivo do smartphone pode levar ao desenvolvimento de problemas psicológicos, incluindo sintomas de dependência e ansiedade (Darvishi *et al.*, 2019).

No entanto, é importante enfatizar que o smartphone, por si só, não é a causa da dependência. O verdadeiro fator desencadeante é a relação do usuário com os aplicativos e conteúdos acessados no dispositivo, Khoury (2016) observa que essa interação com os recursos digitais e a maneira como o indivíduo usa o aparelho que contribui para a sensação de dependência. Dessa forma, a nomofobia reflete um problema comportamental mais profundo, associado à gestão do tempo e ao controle sobre a tecnologia (Khoury., 2016).

Os sintomas de nomofobia envolvem sensações de desconfortos internos relacionados a ansiedade, angústia, nervosismo, taquicardia, tremores, sudorese excessiva, alterações na respiração e outros sintomas, quando não se está em uso do aparelho celular (King; Nardi; Cardoso, 2014).

A percepção de desconforto surge devido à dependência psicológica do aparelho, que vai além da simples necessidade de comunicação, refletindo uma resposta intensa ao afastamento da tecnologia, essa condição gera um ciclo de tensão e alívio indicando um transtorno comportamental significativo na era digital (King; Nardi; Cardoso, 2014).

Embora o uso de smartphones ofereça diversas vantagens e esses dispositivos sejam considerados essenciais na vida moderna, os sintomas de nomofobia têm se tornado um fator significativo na diminuição da qualidade de vida dos indivíduos (Kim et al., 2015). A dependência do *smartphone* pode levar à um impacto negativo nas atividades cotidianas, além de promover um estilo de vida mais sedentário, resultando em consequências prejudiciais à saúde geral (Kim et al., 2015).

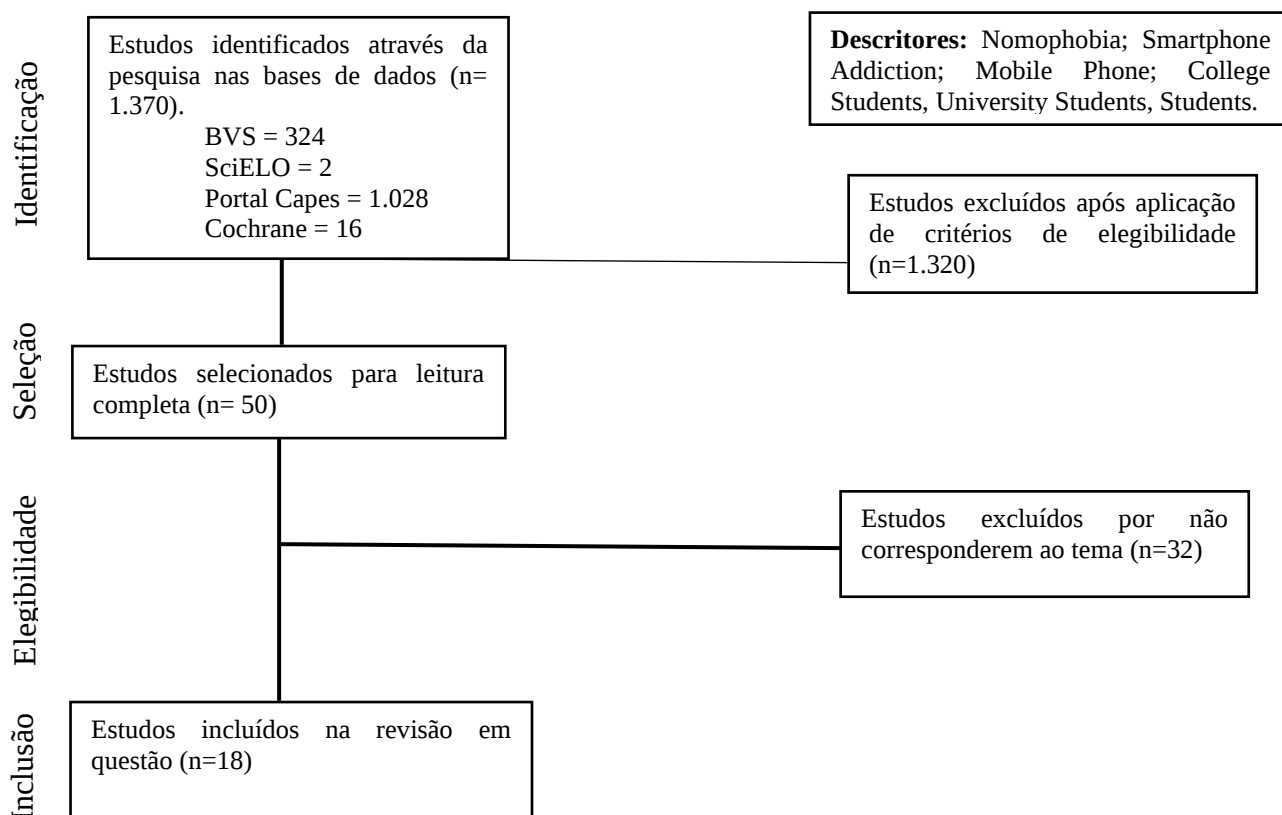
A literatura relata que estudantes universitários são o público mais vulnerável a desenvolver os sintomas de nomobofia (Bianhci; Phillips, 2005; Head; Ziolkowski, 2012; Shambare et al., 2012; Al-Barashdi et al., 2015). E que, mulheres possuem maiores chances de desenvolver a dependência quando comparados aos estudantes homens (Abu-Jedy, 2008; Devis-Devis et al., 2009; Chóliz, 2012; Mei et al., 2012). A compreensão de aspectos que envolvem a nomofobia é fundamental para abordar a saúde mental e o bem-estar dessa população em um cenário onde a tecnologia desempenha um papel cada vez mais central (Amorim, 2020)

Desse modo, é de suma importância entender como a dependência de dispositivos móveis impacta nas vidas diárias e quais elementos contribuem para o surgimento desse comportamento o objetivo dessa revisão integrativa é identificar a prevalência dos sintomas de nomofobia entre estudantes universitários e os fatores associados.

2. MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada a partir de uma busca retrospectiva de estudos que descreveram a prevalência de nomofobia entre estudantes universitários. A busca foi realizada a partir dos seguintes descritores: (*Nomophobia* OR *Smartphone Addiction*) AND *Mobile Phone* AND (*College Students* OR *University Students* OR *Students*) e seus correspondentes em português e espanhol.

Foram estabelecidos os critérios de inclusão: estudos originais de pesquisas empíricas, nacionais e internacionais publicados entre os anos de 2016 a 2023 e que apresentaram resultados de estudos epidemiológicos realizados em diversos países sobre a prevalência de nomofobia entre estudantes universitários da área da saúde. E os de exclusão: estudos que não façam referência ao tema, revisões, editoriais manuais, protocolos e estudos que não permitiam acesso completo (Fluxograma 1).

FLUXOGRAMA 1: Fluxograma - Prisma de seleção dos artigos da revisão integrativa

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023

Foram encontrados 1.370 artigos retirados das seguintes bases de dados *online* Cochrane, Scielo, e nas bibliotecas virtuais Portal Capes, Biblioteca Virtual de Saúde. Os estudos encontrados foram filtrados por artigos, teses e dissertações, textos disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol. Inicialmente foram analisados os títulos dos artigos, seguidos da leitura dos resumos e foram selecionados 50 artigos para leitura completa, após leitura minuciosa foram selecionados 18 artigos para compor o quadro. Por se tratar de uma revisão não houve necessidade de submeter essa pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Após selecionar e organizar os artigos no quadro foi realizado uma análise descritiva e um cálculo de prevalência média, onde foram somadas as prevalências individuais de cada estudo e divididas pelo número total dos estudos de nomofobia entre os estudantes universitários.

3. RESULTADOS

A partir dos resultados foi produzido um quadro para organizar as informações de publicações conforme autor, revista, ano, objetivo do estudo, instrumento utilizado para coleta de dados, prevalência dos sintomas de nomofobia e principais resultados encontrados nos estudos. A prevalência de nomofobia entre os estudantes universitários nos estudos selecionados para compor o quadro variou entre 20,6% a 100%, desse modo foi realizado um cálculo de prevalência média para definir a prevalência dos 18 estudos selecionados, totalizando uma prevalência média de 61,72%.

Os achados trazem como fatores associados a questão do gênero, universitários mais jovens possuem maior probabilidade e a presença de transtornos mentais está altamente entrelaçada ao vício, bem como o tempo gasto em uso de telas podem favorecer a dependência. O quadro 1 mostra as características dos estudos selecionados e contam com 18 estudos transversais com estudantes universitários da área da saúde.

Quadro 1 - Síntese de Estudos sobre Prevalência de Nomofobia entre Universitários

N	Autores/Rev/Ano	Objetivo	Instrumento	Metodologia	Prevalência dos sintomas de Nomofobia	Resultados principais
1	Prasad <i>et al.</i> , Journal of Clinical and Diagnostic Research, 2017.	Avaliar o padrão de utilização de telemóveis e seus efeitos sobre o desempenho acadêmico dos alunos.	Questionário Próprio	Estudo Transversal. Participaram desse estudo, estudantes de Odontologia de ambos os sexos; 261 eram do sexo masculino e 293 do sexo feminino, de todos os anos letivos incluindo estagiários e pós-graduandos que utilizam smartphone. A amostra foi estratificada em grupos: pré-clínico (1º e 2º ano), clínico (3º e último ano), estagiários (internos) e pós-graduandos.	Observou-se que a prevalência de nomofobia foi de 32,6% entre os pré-clínicos seguida de 24,4% entre os internos; 20,9% entre os pós-graduandos e 18,6% totalizando 77,9% entre os clínicos, enquanto em risco de desenvolverem a nomofobia foram 52,6% entre os clínicos, 41,8% entre os pós-graduandos, 37,3% entre os pré-clínicos e 32,2% entre os internos.	Houve diferença estatisticamente significativa entre os quatros grupos na percepção de telefones celulares e ansiedade associada a ele. (p <0,05). Estudantes que passaram mais tempo em uso do celular tiveram piores desempenhos acadêmicos. A prevalência de nomofobia foi maior em mulheres. Estar longe da família tornam os alunos mais dependentes.
2	Chen <i>et al.</i> , 2017) BMC Psychiatry, 2017.	Investigar a prevalência do vício em smartphones e os fatores associados em universitários do sexo masculino e feminino	Smartphone Addiction Scale Short Version (SAS-SV) e Self-Rating Anxiety Scale (SARS)	Estudo Transversal. Participaram desse estudo, 1.441 estudantes de graduação do curso de Medicina; 696 eram do sexo masculino e 745 do feminino; idade entre 17-26 anos.	A prevalência de vício em smartphones foi de 30,3% em homens e 29,3% em mulheres.	Mulheres tiveram o uso frequente de redes sociais como preditor do desenvolvimento de dependência de smartphone, sintomas depressivos, ansiedade e má qualidade de sono. Os homens apresentaram vício em jogos como preditor de dependência de smartphone, sintomas de ansiedade e má qualidade do sono.
3	Matar Boumosleh, J Jaalouk, D. PLoS ONE, 2017.	Avaliar a prevalência de dependência de smartphones e verificar se a depressão ou ansiedade, de forma independente, contribui para o nível de dependência de smartphones entre uma amostra de estudantes universitários libaneses.	Smartphone Addiction Inventory (SPAI)	Estudo Transversal. Participaram desse estudo 668 estudantes universitários da graduação de ciências naturais 53% homens e 47% mulheres. Os estudantes foram separados de acordo com o tipo de personalidade tipo A (agressivo, competitivo, raivoso, cínico, desconfiado) e tipo B (fácil de lidar, descontraído, mais relaxado e mais paciente).	As taxas de prevalência de comportamento compulsivo do smartphone, prejuízo funcional, tolerância e sintomas de abstinência foram substanciais. A personalidade tipo A teve maior score (pontuação SPAI média: tipo A 59,38 vs. tipo B 53,74, p = 0,000).	Depressão, ansiedade e falta de suporte familiar são fatores de risco para nomofobia.

4	Firooqui, I.A; Pore, P; Gothankar, J. Journal of Mental Health, 2017.	Avaliar a prevalência de nomofobia entre os alunos de medicina do 1º ano.	Nomophobia Questionnaire (NMP-Q)	Estudo Transversal. A amostra foi composta por 45 estudantes de medicina, na faixa etária entre 18-21 anos de idade.	Todos os participantes tinham um grau de nomofobia, leve em (17,9%), moderada em (60,0%) e grave em (22,1%).	Foi relatado alguns sintomas atribuídos a nomofobia, dor de cabeça em (34,5%), fadiga ocular em (19,3%) e fadiga (15,9%).
5	Basu, <i>et al.</i> Indian Psychiatric Society, 2018	Desenvolver e validar uma escala de dependência de telefone celular em estudantes de medicina e avaliar a carga e os fatores associados ao comportamento semelhante ao vício em telefone celular	Mobile Phone Addiction Scale (MPAS)	Foi realizado além da validação um estudo transversal, amostra composta por 388 alunos de Medicina. 233 (60,1%) estudantes eram do sexo masculino e 155 (39,9%) do sexo feminino.	Nesse estudo, foi possível identificar o vício em telefone móvel em 40% dos estudantes de medicina.	Estudantes do sexo masculino eram mais propensos a desenvolver perda de concentração e uso impulsivo do telefone móvel nas rodovias quando comparado ao sexo feminino. 40,2% dos alunos relataram que não tinham sono adequado devido ao uso excessivo do celular e 35,2% relataram verificar notificações de redes sociais mesmo enquanto estão descansando ou em sono leve.
6	Denis, <i>et al.</i> Colomb Forense, 2018.	Avaliar o comportamento epidemiológico do telefone móvel	Mobile Phone Problematic Use Scale (MPPUS)	Estudo Transversal, Amostra composta por 541 estudantes universitários dos cursos de Odontologia, Psicologia, Contabilidade, Comunicações entre a faixa etária de 18-25 anos, 258(47,56%) alunos eram do sexo masculino e 283 (52,31%) eram do sexo feminino	A prevalência de Nomofobia nessa amostra foi de 111 (20,6%).	O número de horas de uso por dia foi de pelo menos 3 em 75,2% (n = 407). 16,5% dessa amostra, podem ser considerados usuários de risco e 4,1% usuários problemáticos. Foi identificada associação estatisticamente significativa entre o valor do instrumento utilizado para detecção de dependência e o número de horas de utilização por dia, bem como o número de anos de utilização do telemóvel (p<0,05).

7	Khoury, <i>et al.</i> Trends Psychiatry Psychother. 2019.	Compreender a correlação entre os vícios tecnológicos e níveis de consequências negativas em indivíduos com dependência de smartphone e dependência em facebook	Smartphone Addiction Inventory (SPAI)	Estudo Transversal. Amostra composta por 415 estudantes universitários da Universidade Federal de Minas Gerais, entre a faixa etária de 18-35 anos, (77,3%) eram do sexo feminino e (22,7%) do sexo masculino.	A prevalência de dependência de smartphone (nomofobia) entre a amostra estudada foi de 43,85%	Os resultados trazem forte associação de dependência de smartphone, os indivíduos apresentam um perfil mais grave, caracterizado por maior prevalência de transtornos de abuso de substâncias, depressão e transtornos de ansiedade; menor satisfação com o suporte social; e maior impulsividade
8	Sureka <i>et al</i> , Biomedicine , 2020.	Descobrir a prevalência de nomofobia entre estudantes universitários e explorar a associação entre nomofobia, estresse, ansiedade e depressão.	Questionário Próprio	Estudo Transversal. Amostra composta por 167 estudantes universitários do 1º ano do curso de medicina e odontologia Alunos em tratamento de algum transtorno, foram excluídos dessa amostra	Os resultados mostraram uma ampla prevalência de nomofobia (59%) entre os alunos	A nomofobia possui relação significativa com estresse, ansiedade e depressão. Nos achados dessa pesquisa foi possível identificar que aos alunos tem maior estresse devido ao não uso do celular.
9	Tarín, <i>et al.</i> International Journal of Envirolment al Research and Public Health, 2020.	Estabelecer o ponto de corte nas pontuações do SPAI-Espanha, tendo como referência a autopercepção dos valores de dependência.	Smartphone Addiction Inventory (SPAI)	Estudo Transversal. Amostra composta por 2.958 estudantes universitários entre 18-46 anos. 65,3% eram do sexo feminino e 34,7% do sexo masculino.	A prevalência foi de 32,24% desses participantes se consideravam dependentes	Nesse estudo, foi possível identificar um ponto de corte para avaliar indivíduos que possuem sintomas de dependência em smartphone, há uma maior percentagem em indivíduos do sexo feminino (53,88%) apresentavam esta dependência. Quanto a idade dos participantes, este estudo apresentou diferenças estatisticamente significativas, ao encontrar uma maior percentagem de pessoas maioritariamente mais jovens.
10	Wan Ismail, <i>et al.</i> Perspective in Psychiatric Care, 2020.	Examinar os correlatos ciberpsicológicos de depressão, ansiedade estresse e tendência suicida entre estudantes universitários da Malásia.	Smartphone Use Propensity Scale for Young People (S-scale-M)	Estudo Transversal Amostra composta por 525 estudantes universitários, 33,1% eram mulheres e 66,9% eram do sexo masculino	A prevalência do sintomas de vício foi de 58% da amostra	Descobriu-se nesse estudo que o vício em smartphone tem impacto significativo e correlações positivas com a depressão, ansiedade estresse e suicídio.

11	Kubrusly, <i>et al.</i> Rev. Brasileira de Educação Médica, 2021.	Conhecer o efeito da nomofobia nos estudantes de Medicina de uma faculdade privada e sua associação com depressão, ansiedade, estresse e rendimento acadêmico.	Nomophobia Questionnaire (NMP-Q)	Estudo Transversal. Amostra composta por 292 estudantes de medicina 59,1% eram mulheres e 40,1% homens.	A prevalência de nomofobia nessa pesquisa foi de 99,7%. (11,8%) tinham nomofobia grave, (52,7%) nomofobia moderada e (35,1%) tinham nomofobia leve.	Estudantes que tem menor tempo de uso do celular possuem melhor índice de rendimento acadêmico. Praticamente todos os alunos 99,7% apresentaram algum grau de nomofobia. Mais de 50% dos estudantes apresentaram graus maiores do nível leve (de mínimo a muito grave) de estresse; e 19,5% e 11,2%, ansiedade e depressão graves ou muito graves, respectivamente.
12	Apaza, <i>et al.</i> Impactos de las tecnologías em las ciencias sociales aplicadas, Atena, 2022	Determinar a nomofobia e a sua influência com a ansiedade nos estudantes da Universidade Andina Nestor Cáceres Velasquez.	Questionário Próprio	Estudo Transversal. Participaram desse estudo 337 Estudantes da Universidade Andina Nestor Cáceres Velásquez	A prevalência da nomofobia nessa amostra foi de 94% (62,2%) dos estudantes tinham nomofobia leve, (20,47%) tinham nomofobia moderada e (11,28%) tinham nomofobia grave.	Os achados encontrados destacam uma relação significativa entre ansiedade e nomofobia.
13	Ghogare, <i>et al.</i> Annals of Indian Psychiatry, 2022.	Avaliar o impacto do isolamento da COVID-19 no vício de smartphone e na nomofobia nos cursos de Medicina, Odontologia, Fisioterapia, Enfermagem e Farmácia de uma área rural de saúde terciária centro de cuidados do estado de Maharashtra, na Índia.	Nomophobia Questionnaire (NMP-Q) e Smartphone Addiction Scale – Short Version (SAS-SV)	Estudo Transversal. Participaram desse estudo 448 estudantes da área da saúde (Medicina, Odontologia, Enfermagem, Fisioterapia) com faixa etária entre 18-25 anos	No presente estudo, os sintomas de nomofobia esteve presente em 97,6% dos estudantes da área da saúde de acordo com as pontuações NMP-Q. Baseado nos 97,6% participantes do estudo com nomofobia, 18,7% leve, 61,4% moderada e 17,5% grave nomofobia	69,7% relatou incapacidade de se concentrar nos estudos em casa devido ao aumento do uso do smartphone durante o bloqueio do COVID-19. O tédio (32,8%) foi o que mais incomodou durante o confinamento e, para combatê-lo, 55,8% relataram usar smartphone. 97,6% tinham algum grau de nomofobia e 45,1% tinham DS. Houve um aumento na prevalência de dependência de smartphones durante o isolamento do COVID-19.

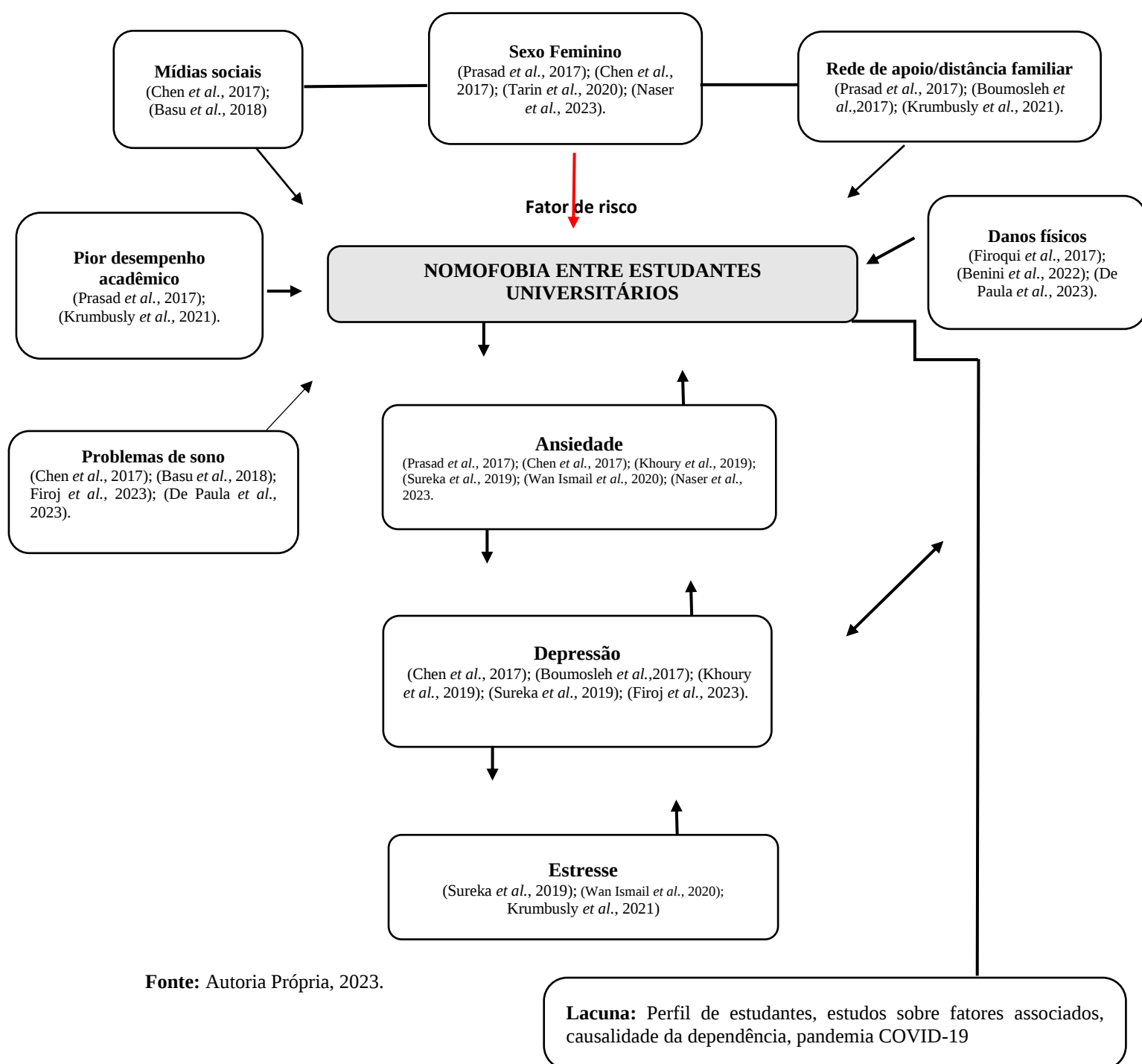
14	Lobo, <i>et al.</i> Text & Context Nursing, 2022	Analisar os fatores associados à adição de smartphone em universitários de enfermagem	Smartphone Addiction Inventory (SPAI)	Estudo Transversal. Participaram desse estudo 298 universitários de enfermagem de duas universidades federais classificadas entre A e B	A prevalência da adicção ao <i>smartphone</i> nos universitários de Enfermagem nas universidades A e B foi de 142 (47,7%).	62,4% universitários relataram ter disposição para usar o <i>smartphone</i> mesmo quando cansados. 46,6% dos universitários apresentaram dores ou incômodos nas costas ou desconforto nos olhos em razão do uso excessivo do <i>smartphone</i> .
15	Benini, <i>et al.</i> Brazilian Journal of Pain, 2022.	Verificar a associação do uso de celular com desconforto na região cervical e repercussão nas atividades diárias em estudantes universitários	Smartphone Addiction Inventory (SPAI)	Estudo Transversal. Participaram desse estudo 136 universitários do 1º ano dos cursos de Medicina, Fisioterapia e Enfermagem, desses 100 eram do sexo feminino e 36 eram do sexo masculino	A prevalência de nomofobia foi (50,7%) presente em 69 estudantes universitários, sendo 54 mulheres e 15 homens.	Neste estudo, a dependência do celular apresentou uma relação com dores na coluna cervical e incapacidade nas habilidades de atividades diárias. Os estudantes com dependência de uso de celular foram os que tiveram maior frequência de consulta médica por dor na coluna cervical.
16	Al-Manun <i>et al.</i> Rev. Helyion, 2023.	Investigar a gravidade e os correlatos da nomofobia e o papel mediador do uso do <i>smartphone</i> entre o vício do Facebook e a nomofobia foram investigados.	Nomophobia Questionnaire (NMP-Q)	Estudo Transversal. Participaram dessa amostra 585 estudantes universitários de Bangladesh de graduação e pós-graduação	Verificou-se que (9,4%) dos participantes tinham nomofobia leve, (56,1%) tinham nomofobia moderada e (34,5%) tinham nomofobia grave.	O estudo identificou que usar substâncias psicoativas e estar em um relacionamento são preditores para nomofobia. A nomofobia foi associada a insônia, nesse estudo teve associação significativa entre nomofobia e depressão.
17	De Paula <i>et al.</i> , Fisioterapia em Movimento, 2023.	Investigar se a dependência de Smartphone influencia a qualidade do sono e níveis de ansiedade, depressão e dor em universitários	Smartphone Addiction Inventory (SPAI)	Estudo Transversal analítico. Compuseram essa amostra 301 estudantes universitários dos cursos de fisioterapia e educação física.	Nesse estudo 65,12% dos estudantes universitários que participaram dessa pesquisa obtiveram pontuação no SPAI –BR indicando uma possível dependência de <i>smartphone</i> .	Estudantes universitários possuem maior propensão a desenvolver dependência de <i>smartphone</i> , tendência a ansiedade, pior qualidade do sono e maior intensidade a dor. A dependência do <i>smartphone</i> influencia na qualidade de sono, níveis de ansiedade depressão e dor entre os universitários.

18	Naser <i>et al.</i> BMC Psychiatry, 2023.	Explorar a prevalência de dependência de telefone celular entre estudantes universitários e seus fatores associados.	Questionário Próprio	Estudo Transversal. Amostra foi composta por 5.720 estudantes universitários do Oriente Médio (Egito=2813, Arábia Saudita=1509, Jordânia= 766, Líbano=432 e Bahrein=200). A grande maioria dos estudantes tinham menos de 29 anos (92,5%), mais da metade eram do sexo feminino (66,1%) e cerca de 90% eram solteiros, a grande metade eram acadêmicos de medicina (55,9%).	Nesse estudo foi possível identificar que a prevalência de Síndrome de dependência entre telefones celulares foi de 24,2% entre estudantes universitários do Oriente Médio	As mulheres apresentavam 15% maior risco de desenvolver dependência de telefone móvel em comparação com os homens e ter problema de ansiedade aumenta em 75% o risco de desenvolver a nomofobia.
----	--	--	-------------------------	---	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Com o intuito de sintetizar e demonstrar uma visão geral desta revisão, foi produzido um mapa de literatura onde é possível visualizar os principais achados da pesquisa, a ordenagem desse mapa de literatura não busca representar causalidade, mas demonstrar as particularidades de suas interações.

Figura 1 – Mapa de literatura da revisão integrativa sobre prevalência de Nomofobia entre Estudantes Universitários



Fonte: Autoria Própria, 2023.

4. DISCUSSÃO

A prevalência média de nomofobia destacados entre os 18 estudos selecionados foi de 61,72%.

Dentre os pontos dessa revisão, os estudos apontam que mulheres possuem maior predisposição em desenvolver a nomofobia (Prasad *et al.*, 2017; Chen *et al.*, 2017; Tarin *et al.*, 2020; Naser *et al.*, 2023) decorrente do uso excessivo das mídias sociais chegando a ter 15% mais risco de desenvolver o dependência (Naser *et al.*, 2023), enquanto que os homens são mais propensos a desenvolver a dependência por conta de jogos em *smartphone*, tornando-os também um preditor para nomofobia (Chen *et al.*, 2017; Basu *et al.*, 2017; Al-Manun *et al.*, 2023).

Há uma forte relação entre nomofobia, ansiedade e depressão (Chen *et al.*, 2017; Khoury *et al.*, 2019) além de que estudantes que possuem baixa autoestima, comportamentos de introversão, instabilidade emocional e estar longe de seus familiares são mais propensos a desenvolver o vício em (Argumosa- Villar; Boada-Grau; Vigil-Colet, 2017; Matar Boumlesh; Jaalouk, 2017).

Universitários que passam mais tempo em uso do celular tem piores níveis no desempenho das atividades curriculares (Prasad *et al.*, 2017; Krumbusly *et al.*, 2021), e podem desenvolver danos físicos como dores cervicais, dores de cabeça, fadiga ocular devido a exposição excessiva em telas, cansaço corporal ocasionado pela postura viciosa, e torna-se um facilitador para causar aumento de peso corporal, pois implica diretamente na realização de habilidades diárias e desequilíbrios musculares, trazendo consequências relacionadas a prejuízos físicos nessa população (Benini *et al.*, 2022; Farooqui *et al.*, 2018).

Isso se dá pelo fato de que mesmo cansados, os estudantes universitários conseguem ter disposição para utilizar o aparelho celular. Existe sobretudo nesse cenário uma relação de apego ao *smartphone* que passa a ser um grande causador de “bem-estar” e o seu distanciamento é o motivo determinante dos sintomas ansiosos, sensações de raiva e desconforto podem ser aliviados quando os indivíduos estão conectados ao *smartphone* (Darvishi *et al.*, 2019).

Desse modo, estudantes universitários passam a desenvolver problemas sociais, emocionais, físicos e também psicológicos decorrente da necessidade de estar em contato direto com o *smartphone* (Rabelo *et al.*, 2020). Isso se dá pelo fato de que a universidade é um local composto principalmente por adulto/jovens adulto/jovens (Morilla *et al.*,

2020).

Esse fator se deve ao processo de expansão das tecnologias que aconteceu concomitantemente com o crescimento da geração de jovens (Yldirim e Correia., 2015) E durante os momentos acadêmicos, os estudantes universitários possuem um maior contato com a internet, principalmente o *smartphone* para busca de informações e estudos (Machado e Eisenberg, 2023).

No entanto, existe uma facilidade de distração quando os estudantes utilizam o *smartphone* para auxílio acadêmico (Machado e Eisenberg, 2023). Vale ressaltar que os universitários passam por um processo de transição que necessita de adaptação constante à diferentes formas de ensino e novas demandas acadêmicas. Por isso, é muito comum a percepção de que a universidade se torne um ambiente estressor no qual impacta diretamente no desempenho em sala de aula (Gomes *et al.*, 2020; Ariño; Bardagi, 2018).

É importante destacar que investigar as condições de saúde desse grupo populacional e sua relação com a nomofobia é de grande relevância para a saúde pública, considerando a alta prevalência de transtornos mentais, como depressão, ansiedade e estresse, que estão fortemente associados ao surgimento dos sintomas de nomofobia. (Bayram; Bilgel, 2008; Matar Boumlesh *et al.*, 2017).

Os estudantes universitários tornam-se vulneráveis à dependência de smartphones. A vulnerabilidade refere-se à suscetibilidade das pessoas a danos à saúde, o que faz com que todos os indivíduos sejam, em algum grau, vulneráveis. Dessa forma, é importante reconhecer que a suscetibilidade varia conforme o grau de risco, uma vez que a extensão da vulnerabilidade não é igual para todos os membros de uma sociedade (Lorenzo, 2006).

Analisar a vulnerabilidade envolve entender como os fatores sociais, como saúde, educação e bem-estar cultural, desempenham um papel fundamental na qualidade de vida de uma sociedade. Ressalta-se que a rotina da população está conectada aos serviços de saúde, ao ambiente familiar, às instituições de ensino, e que, para mitigar certos riscos, é crucial que existam programas direcionados para essa finalidade (Ayres *et al.*, 2006).

Por ser um tema relativamente novo, ainda existe no cenário uma lacuna na literatura relacionado a informações sobre perfil de estudantes universitários, fatores associados, causalidade da nomofobia e estudos sobre a relação de nomofobia e isolamento decorrente da pandemia Covid-19, nessa revisão foi encontrado apenas um estudo que identificou o aumento no consumo de *smartphones* decorrente do isolamento social para minimizar o tédio, o surgimento de atividades *online* contribuíram

diretamente com o aumento da prevalência de nomofobia entre estudantes universitários (Ghogare *et al.*, 2022).

É importante implementar estratégias para promover o cuidado integral, especialmente no ambiente universitário. As instituições de ensino devem adotar atividades com metas terapêuticas e educativas e formar comissões para desenvolver políticas que reconheçam as diferenças sociais e as diversas questões psíquicas dos estudantes (Gaiotto *et al.*, 2020)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa revisão destacam um maior número de pesquisas quantitativas e retrata uma lacuna em estudos brasileiros que abordem a nomofobia entre estudantes universitários, principalmente durante o período de pandemia ocasionado pela COVID-19, foi possível identificar a prevalência média de 61,72% de nomofobia entre estudantes universitários nos 18 artigos selecionados para compor o quadro.

Dessa forma, é indispensável que existam outros estudos de desenhos epidemiológicos para retratar e melhor delinear os achados desse tema relevante e moderno, principalmente para observar esse comportamento, a presença de transtornos mentais associados, e a vulnerabilidade envolvida dos sujeitos bem como uma busca necessária de estratégias de uso consciente do aparelho celular.

REFERÊNCIAS

ABDON, A.P.V; BARROS, M.C.D.V; ABREU, C.C.T; FALCÃO, T.N; SOUSA, J.G.O; MONT'ALVERNE, D.G.B. Tempo de uso do smartphone e condições de saúde relacionadas em idosos durante a pandemia da Covid-19. **Rev.Brasileira de Gerontologia**, 2022;25(6): e210194. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562022025.210194.pt>.

AL-MAMUN, F. et al. Nomophobia among university students: Prevalence, correlates, and the mediating role of smartphone use between Facebook addiction and nomophobia. **Heliyon**, v. 9, n. 3, p. e14284, mar. 2023. doi: 10.1016/j.heliyon.2023.e14284.

AMORIM, R.M. Meu celular, meu vício: um estudo sobre dependência de smartphone nos universitários das instituições públicas de ensino superior do brasil. **Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Pampa**, Santana do Livramento, 2020.

ARGUMOSA-VILLAR, L.; BOADA-GRAU, J.; VIGIL-COLET, A. Exploratory investigation of theoretical predictors of nomophobia using the Mobile Phone Involvement Questionnaire (MPIQ). **Journal of Adolescence**, v. 56, p. 127–135, 1 abr. 2017.

ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 3, 28 dez. 2018.

AYRES, J. R. C. M.; *et al.* O risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. **Tratado de saúde coletiva**, p.375-417, 2006.

BALLESTAR-TARÍN, M.L.; SIMÓ-SANZ, C.; CHOVER-SIERRA, E.; SAUS-ORTEGA, C.; CASAL-ANGULO, C.; MARTÍNEZ-SABATER, A. Self-Perception of Dependence as an Indicator of Smartphone Addiction—Establishment of a Cutoff Point in the SPAI–Spain Inventory. **Int. J. Environ. Res. Public Health** 2020, 17, 3838. <https://doi.org/10.3390/ijerph17113838>.

BASU, S. et al. Addiction-like behavior associated with mobile phone usage among medical students in Delhi. **Indian Journal of Psychological Medicine**, v. 40, n. 5, p. 446–451, 1 set. 2018.

BAYRAM, N.; BILGEL, N. The prevalence and socio-demographic correlations of depression, anxiety and stress among a group of university students. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 43, n. 8, p. 667–672, abr. 2008.

BENINI, F. M. et al. Há relação entre uso do celular com dor cervical e incapacidade nas habilidades das atividades diárias? **Brazilian Journal Of Pain**, v. 5, n. 2, 2022.

BHATTACHARYA, S; BASHAR M. A; SRIVASTAVA, A; SINGH, A. Nomophobia: No Mobile Phone Phobia. **Journal Family Med Prim Care**, 2019;8:1297-300. doi:

10.4103/jfmpc.jfmpc_71_19.

BIANCHESSI, C. Nomofobia e a dependência tecnológica do estudante. Editora BAGAI. Curitiba, **Bagai**, 2020.

CHEN, B. et al. Gender differences in factors associated with smartphone addiction: A cross-sectional study among medical college students. **BMC Psychiatry**, v. 17, n. 1, 10 out. 2017.

DARVISHI, M; NOORI, M; NAZER, M.R; SHEIKHOLESAMI, S; KARIMI, E. Investigating Different Dimensions of Nomophobia among Medical Students: A Cross-Sectional Study. **Macedonian Journal of Medical Sciences**, 2019 7 (4): 573-578. doi: <https://doi.org/10.3889/oamjms.2019.138>.

FAROOQUI, I. A.; PORE, P.; GOTHANKAR, J. Nomophobia: an emerging issue in medical institutions? **Journal of Mental Health**, v. 27, n. 5, p. 438–441, 3 set. 2018.

GAIOTTO, E. M. G; TRAPÉ, C. A; CAMPOS, C. M. S; FUJIMORI, E; CARRER, F. C. de A; NICHIAITA, L. Y. I; CORDEIRO, L; BORTOLI, M. C. de; YONEKURA, T; TOMA, T. S; SOARES, C. B. Response to college students' mental health needs: a rapid review. **Revista de Saúde Pública**, [S. l.], v. 55, p. 114, 2021. DOI: 10.11606/s1518-8787.2021055003363. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/194750>.

GHOGARE, A. et al. A cross-sectional online survey of an impact of COVID-19 lockdown on smartphone addiction and nomophobia among undergraduate health sciences students of a rural tertiary health-care center from Maharashtra, India. **Annals of Indian Psychiatry**, v. 6, n. 1, p. 27, 2022.

GOMES, C.F.M; PEREIRA, R.J; CARDOSO, J.V; SILVA, D.A. Common mental disorders in university students: epidemiological approach about vulnerabilities. **Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** 2020;16(1):1-8. doi: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.157317>.

GONÇALVES, L.L; BORTOLANZA, S.C; PADUA, M.K; NARDI, A.E; KING, A.L.S. Nomophobia in the last decade: a systematic review. *Mental Health and Addiction Research*, Vol. 6:1-7, 2022.

GOODMAN, A. Addiction: definition and implications. **British Journal of Addiction**. Vol. 85 (11), 14031418, 1990. doi: doi.org/10.1111/j.1360-0443.1990.tb01620.x.

HUMOOD, A; ALTOOQ, N; ALTAMIMI, A; ALMOOSAWI, H; ALZAFIRI, M, BRAGAZI, N.L; HUSNI, M; JAHRAMI, H. The prevalence of Nomophobia by Population and by research: A systematic review, meta-analysis, and meta-regression. **Psych**, 2021, 3, 249–258.

IBGE, **Pesquisa nacional por amostras de domicílios contínua**, acesso à internet, televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101963>

JEONG, S.H; KIM, H.J; YUM, J.Y; HWANG, Y. What type of content are smartphone users addicted to? SNS x games. **Computers in Human Behavior**. v.54, 10-17, 2016. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.07.035>.

KHOURY, J. M. Tradução, adaptação cultural e validação de uma versão brasileira do questionário smartphone addiction inventory (spai) para o rastreamento de dependência de smartphone, 180 f. **Dissertação (Mestrado em Medicina) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2016.

KHOURY, J.M; NEVES, M.C.L; ROQUE, M.A.V, FREITAS, A.A.C; COSTA, M.R; GARCIA, F.D. Os vícios em smartphones e Facebook compartilham fatores de risco e prognóstico comuns em uma amostra de estudantes de graduação. **Trends Psychiatry Psychother**. 2019; 41(4):358-368. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-6089-2018-0069>

KIM, S.E; KIM, J.W; JEE, Y.S. Relationship between smartphone addiction and physical activity in Chinese international students in Korea. **Journal of Behavioral Addictions** 4 (3), pp.200-205, 2015. doi: 10.1556/2006.4.2015.028.

KING, A.L.S; NARDI, A.E; CARDOSO, A. Dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? O impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos. Nomofobia. São Paulo. SP: **ATHENEU**, 2014.

KING, A.L.S; VALENÇA, A.M; NARDI, A.E. Nomophobia: The mobile phone in panic disorder with agoraphobia reducing phobia or whorsening of dependence? **Cog. Behav Neurol** 2010; 23:52–54.

KUBRUSLY, M. et al. Nomofobia entre discentes de medicina e sua associação com depressão, ansiedade, estresse e rendimento acadêmico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 3, 2021.

LEE, Y; BLEBEA, J; JANSSEN, F; DOMOFF, S.E. The impact of smartphone and social media use on adolescents sleep quality and mental health during Covid-19 Pandemic. **Human Behavior and Emerging Technologies**, 2023. doi: <https://doi.org/10.1155/2023/3277040>.

LORENZO, C. Vulnerabilidade em saúde pública: implicações para as políticas públicas. **Rev.Brasileira de Bioética**; Vol 2 - número 3, 2006.

MACHADO, D. V., & EISENBERG, Z. (2023). Um estudo sobre nomofobia e crenças de autoeficácia acadêmica em estudantes universitários. **SciELO Preprints**. doi: doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5800

MATAR BOUMOSLEH, J.; JAALOUK, D. Depression, anxiety, and smartphone addiction in university students- A cross sectional study. **PLoS ONE**, v. 12, n. 8, 1 ago. 2017.

MORILLA, J.L; VIEIRA, G.C; DANTAS, C.N; CASSAGO, R.M; PUCCI, S.H.M; GOBBI, D.R. Nomofobia: uma revisão integrativa sobre o transtorno da modernidade. **Rev. Saúde Col. UEFS**, Feira de Santana, Vol. 10: 116-126, 2020.

MOTA, D.C.B; SILVA, Y.V; COSTA, T.A.F; AGUIAR, M.H.C; MARQUES, M.E.M; MONAQUEZI, R.M. Mental health and internet use by university students: coping strategies in the context of Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva** (26) 6:2159-2170, 2021.

NASER, A. Y. et al. Nomophobia among university students in five Arab countries in the Middle East: prevalence and risk factors. **BMC Psychiatry**, v. 23, n. 1, 1 dez. 2023.

PÁDUAL, M.S.K.L; KING, A.L.S; GUEDES, E; GUIMARÃES, F.L; GONÇALVES, L.L; DOS SANTOS, H.K; RODRIGUES D; NARDI, A.E. Validation of the scale of physical damages. **Medical Express** 2019. doi: 10.5935/MedicalExpress.2019.mo.004.

PRASAD, M. et al. Nomophobia: A cross-sectional study to assess mobile phone usage among dental students. **Journal of Clinical and Diagnostic Research**, v. 11, n. 2, p. ZC34–ZC39, 1 fev. 2017.

RABELO LM, ALEXANDRE KV, RODRIGUES GMM. Nomofobia, uso de telefone e redes sociais prejudica o aprendizado de estudantes universitários? **Revista Liberum accessum**, 2020 Jul; 3(1): 1-7.

YLDIRIM, C; CORREIA, A.P; Exploring the dimensions of nomophobia: development and validation of a self-reported questionnaire. **Computers in Human Behavior**, vol 49 130-137, 2015. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.02.059>.

PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE NOMOFOBIA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA SAÚDE: FATORES ASSOCIADOS

Ana Clara Silva Oliveira¹

Caroline Santos Siva²

José de Bessa Júnior²

RESUMO

Introdução: O *smartphone* é o aparelho tecnológico mais utilizado no dia-a-dia e fornece aos seus usuários serviços de entretenimento e comunicação em um único aparelho de mão. O consumo excessivo desse artefato pode desencadear nos indivíduos sintomas de dependência desenvolvendo sensações negativas, problemas físicos e psicológicos, que se assemelham aos de uma dependência química, também conhecido como Nomofobia.

Objetivo: Identificar a prevalência de nomofobia entre estudantes universitários e fatores associados de uma universidade no interior da Bahia. **Método:** Trata-se de um estudo observacional de corte transversal/seccional realizado entre os Estudantes Universitários matriculados no DSAU/UEFS. **Resultados:** A amostra foi composta por 318 Estudantes Universitários. Para mensurar a nomofobia foi utilizada o instrumento validado no contexto brasileiro SPAI-BR que identificou a prevalência de sintomas de nomofobia em 60,9% dos Estudantes Universitários associados a sintomas de ansiedade, estresse e depressão bem como modificações das relações pessoais durante pandemia de Covid-19 e marca de celular *Apple*. **Discussão:** Estudantes Universitários do Departamento de Saúde da UEFS apresentam alta prevalência de sintomas de nomofobia, além de que a dependência está altamente associada a frequência do tempo de uso em telas, percepções de ansiedade, estresse e depressão bem como as modificações nos relacionamentos pessoais durante a pandemia.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana

² Docente do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

INTRODUÇÃO

O *smartphone* é o aparelho tecnológico mais utilizado no dia-a-dia e fornece aos seus usuários serviços de entretenimento e comunicação em um único aparelho de mão. O consumo excessivo desse artefato pode desencadear nos indivíduos sintomas de dependência desenvolvendo sensações negativas, problemas físicos e psicológicos, que se assemelham aos de uma dependência química (Ranjan; Das; Nath, 2022).

Por se tratar de um assunto recente, há na literatura alguns termos para retratar sobre esse tema, alguns autores denominam de “*Uso abusivo de Smartphone*”, “*Dependência de Smartphone*” e “*Nomofobia*” que é a junção da expressão *no mobile* e da palavra *fobia* definida como o medo de não ter acesso ao celular e está sendo classificada atualmente como a patologia da modernidade (King, Nardi., 2014).

Os sintomas desencadeados pela nomofobia podem afetar a qualidade de vida dos indivíduos e trazer sensações desconfortáveis como ansiedade e medo absoluto de ficar sem acesso à internet, cansaço mental excessivo, insônia e problemas oculares, bem como influência direta a não realização de atividades físicas, além de que à longo prazo o indivíduo pode negligenciar a vida real interferindo no modo de relacionamento interpessoal (Han *et al.*, 2023).

Os estudantes universitários estão entre a população mais susceptível ao desenvolvimento da nomofobia pois cresceram conforme a expansão do avanço tecnológico e estão entre as pessoas que mais consomem redes sociais, fator crucial para o desenvolvimento dos sintomas, visto que a frequência e o conteúdo das redes sociais estão entrelaçados com o vício em celular (Nápoles *et al.*, 2023; Humood *et al.*, 2021; Yldrin e Correia., 2015).

De acordo com Sureka *et al* 2021 a necessidade de estar conectado desenvolveu no ser humano novos comportamentos e pode desencadear problemas neuropsicológicos que afetam as funções cognitivas, emocionais, comportamentais e consequentemente o surgimento de transtornos de humor, tais como a depressão, ansiedade, agressividade e/ou impulsividade.

Pesquisas apontam que embora a nomofobia ainda não esteja inserida no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), possui um grande potencial evidente de que poderá ser um tipo de transtorno já que o número de indivíduos com sintomas de dependência em *smartphone* crescem gradativamente (King *et al.*, 2010).

Em um estudo realizado por Kubrusly *et al* (2021), foi demonstrado que a nomofobia pode aumentar a ansiedade de estudantes universitários, provocar baixo rendimento acadêmico e também possui correlação com a depressão. Há nesse contexto uma correlação positiva entre percepções de solidão, baixa autoestima e nomofobia (Chethana K; Nelliyanil; Anil., 2020).

Partindo desse pressuposto, é de suma importância avaliar os fatores associados ao desenvolvimento da nomofobia entre estudantes universitários, já que são a população de maior risco ao aparecimento dos sintomas e que envolvem aspectos negativos a nível emocional e físico, bem como uma relação com transtornos psicológicos.

Nesse intuito, o objetivo do estudo é identificar a prevalência de nomofobia entre estudantes universitários de uma universidade no interior da Bahia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado um estudo observacional de corte transversal/seccional que possui aprovação prévia pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (Parecer nº 6.147.394).

Para essa pesquisa, foi utilizado a amostragem não-probabilística. Os participantes do estudo foram os estudantes de graduação e pós-graduação regularmente matriculados no Departamento de Saúde (DSAU) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O DSAU da UEFS possuía em 2023, 1.439 estudantes matriculados sendo 1.172 alunos dos cursos de graduação e 267 estudantes alunos de pós-graduação. Foi estimado que uma amostra de 304 sujeitos seria o suficiente para uma precisão de 95% e uma margem de erro de 5%, aproximadamente 20% da população dos estudantes (Rumsey, 2019).

Foram incluídos nesta pesquisa estudantes matriculados regularmente nos cursos ofertados pelo DSAU/UEFS, de ambos os sexos, com idade ≥ 18 anos, que possuíam smartphone e que consentiram participação mediante aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) apresentado previamente ao questionário. Foram excluídos da pesquisa estudantes que não forneceram todos os dados e consequentemente não completaram o questionário.

A coleta dos dados ocorreu via questionário na plataforma *Research Eletronic Data Capture (RedCap)* entre os meses de Julho/2023 – Julho/2024, foram disponibilizados links de acesso entre os grupos de *whatsapp* de cada turma, divulgação de folders e cartazes com *qr-code* entre os módulos de saúde da universidade.

Os participantes responderam dois questionários, o primeiro contendo dados sociodemográficos e do curso, bem como 02 questões únicas e simplificadas para avaliar depressão *Yale Single Question* (YSQ) e ansiedade disponibilizada no *General Anxiety Disorder* GAD-7. Posteriormente os estudantes realizaram o *Smartphone Addiction Inventory* (SPAI-BR) validado no contexto brasileiro em formato dicotômico para identificar os sintomas de nomofobia entre os estudantes do DSAU/UEFS. O SPAI-BR possui 04 domínios que avaliam o comportamento compulsivo, comprometimento funcional, síndrome de abstinência e síndrome de intolerância, 09 ou mais respostas positivas caracterizam o indivíduo com sintomas de nomofobia (Khoury, 2016).

Os dados das variáveis quantitativas, contínuas ou ordinais foram descritos por suas medidas de tendência central (medianas) e suas medidas de dispersão (desvio

padrão), enquanto as variáveis nominais foram descritas por seus valores absolutos e porcentagens. Para avaliar a associação entre sintomas de nomofobia nos estudantes da área da saúde foi utilizado o Teste de Fischer ou qui quadrado e suas variantes apropriados para variáveis categóricas e o teste de Mann-Whitney utilizado para avaliar variáveis contínuas. Um valor de $p < 0,05$ e intervalo de confiança de 95% (IC 95%) foram considerados estatisticamente significativo. Para análise dos dados foi utilizado o aplicativo GraphPad Prism, versão 9.0.3, San Diego-CA, Estados Unidos.

RESULTADOS

Participaram desse estudo 443 Estudantes Universitários, mediante aplicação dos critérios de exclusão, a amostra final foi composta por 318 (71,8%) Estudantes Universitários do Departamento de Saúde . O sexo feminino foi predominante (71,1%), a mediana das idades do estudantes foi de 23 ($\pm 6,06$). Quanto a raça/cor da pele, 63% se autodeclararam negros (20,8% pretos e 42,2% pardos). Observa-se uma maior participação de estudantes da Graduação (78,6%). (Tabela 1).

Tabela 1: Características Sociodemográficas de Estudantes Universitários de uma Universidade no interior da Bahia

Características	Amostra	
	N = (318)	(%)
Gênero		
Feminino	226	71,1
Masculino	92	28,9
Idade		
18-28	270	84,9
29-38	34	10,7
39-52	14	4,4
Orientação Sexual		
Heterossexual	231	72,6
Homossexual	29	9,1
Bissexual	45	14,2
Outras opções	13	4,1
Raça		
Negros	203	63,0
Não Negros	115	36,1
Lugar de Procedência		
Feira de Santana	179	56,3
Outros municípios da Bahia	112	35,2
Outros Estados	27	8,5
Cônjuges		
Sim	179	56,3
Não	139	43,7
Filhos		
Sim	25	7,9
Não	292	92,1
Atividade Remunerada		
Atividade Extracurricular	139	43,7
Trabalho Remunerado	57	17,9
Nenhuma	122	38,4
Estudantes Universitários		
Graduação	250	78,6
Pós - Graduação	68	21,4

Fonte: Autoria Própria, 2024.

A insatisfação com o curso escolhido foi reportado por 42 (13,3%). Quanto aos aspectos relacionados a pandemia do COVID-19, 51,7% informaram que desde a pandemia, houveram mudanças negativas significantes na renda familiar. No período de isolamento social ocasionada pela pandemia 88,7% dos estudantes universitários buscaram refúgio no celular. A rede social mais utilizada foi o Instagram (51,3%) e a predominância de horas utilizado o celular é entre 4 a 6 horas por dia (36,9%) (Tabela 2).

59,4% dos Estudantes Universitários alegaram que tiveram modificações na saúde física e mental 17,3% dos estudantes informaram que possuem diagnóstico de Depressão, desses, 90,9% realizam tratamento para esse. Além disso, 37,7% dos estudantes informaram ter diagnóstico de Transtorno de Ansiedade e que desses, 82,5% realizam algum tipo de tratamento (Tabela 2).

Os estudantes informam a percepção de sentimentos de estresse (78,5%), alegam se sentir tristes e deprimidos (56,5%) e afirmaram que também se sentem ansiosos (87,7%) (Tabela 2).

Tabela 2: Hábitos de Vida e Condições Clínicas dos Estudantes Universitários do Departamento de Saúde de uma Universidade no interior da Bahia, Brasil

Características	Amostra	
	N = (318)	(%)
Drogas Lícitas e Ilícitas		
Alcool e outras drogas	141	44,6
Não faz uso	177	55,4
Satisfação com o curso		
Sim	274	86,7
Não	42	13,3
Tempo para Lazer		
Sim	214	67,3
Não	104	32,7
Atividade Física		
Sim	199	62,6
Não	119	37,4
Diagnóstico de Depressão		
Sim	55	17,3
Não	263	82,7
Tratamento para Depressão		
Sim	50	90,9
Não	5	9,1
Diagnóstico de Ansiedade		
Sim	120	37,7
Não	198	62,3
Tratamento para Ansiedade		
Sim	99	82,5
Não	21	17,5
Pandemia e Refúgio no Celular		
Sim	282	88,7
Não	36	11,3
Rede Social		
Instagram	162	51,3
Whatsapp	105	33,2
Tiktok	26	8,2
Facebook	1	0,3
Twitter	24	7,0

Fonte: Autoria Própria, 2024.

Tabela 2 (Continuação): Hábitos de Vida e Condições Clínicas dos Estudantes Universitários do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba, Brasil

Características	Amostra	
	N = (318)	(%)
Quantas horas por dia você utiliza o celular?		
0-2h	17	5,4
2-4h	80	25,2
4-6h	117	36,9
6-8h	57	18,0
Mais de 8h	47	14,5
Impacto da Pandemia na Saúde Física e Mental		
Sim, em ambas	189	59,4
Somente a mental	69	21,7
Somente a física	15	4,7
Não	45	14,2
Impacto da Pandemia nas relações		
Sim	230	72,3
Não	88	21,4
Percepção de Estresse		
Sim	250	78,5
Não	68	21,4
Você costuma se sentir triste ou deprimido (YSQ)		
Sim	179	56,5
Não	139	43,5
Percepção de Ansiedade (GAD-7)		
Sim	279	87,7
Não	39	12,3

Fonte: Autoria Própria, 2024.

A prevalência de sintomas de nomofobia foi de 60,9% (193) e a frequência com que indivíduos utilizam o celular está associada com a probabilidade de desenvolver sintomas de nomofobia (Tabela 3).

Tabela 3- Relação dos sintomas de nomofobia com tempo de uso do celular

Tempo de uso	Sintomas de Nomofobia		X ²	p-value
	Não	Sim		
0-2h	14	3		
2-4h	38	42		
4-6h	45	72		
6-8h	18	39		
Maior que 8h	10	37		
	125 (39,1%)	193 (60,9%)	24,469	<0,001

Fonte: Autoria Própria, 2024.

A análise univariada foi realizada para observar a associação do desfecho (sintomas de nomofobia) entre os fatores associados isolados. Observou-se que estudantes de graduação tem uma probabilidade de quase duas vezes mais de desenvolver sintomas de nomofobia quando comparado com estudantes de pós-graduação (Tabela 4).

Os resultados também sugerem uma forte associação entre estudantes que tiveram respostas positivas para percepção de ansiedade, tendo aproximadamente quase 5 vezes mais chances de desenvolver o desfecho. O mesmo acontece com a percepção de estresse, estudantes com estresse possuem aproximadamente de quase 3 vezes mais chances de desenvolver nomofobia do que aqueles sem estresse (Tabela 4).

Constatou-se também nessa amostra que indivíduos que possuem celulares da marca *Apple* possuem 2 vezes mais chances de evoluir com sintomas de nomofobia e um p-valor de 0,0025. Universitários que se sentem deprimidos mensurados pela questão única *Yale Single Question* (YSQ) que avalia depressão, possuem um aumento significativo de quase 2,5 vezes de probabilidade em ter nomofobia, um intervalo de confiança de 95% (1,4811- 3,7233) e um valor de p = 0,003 (Tabela 4).

A percepção da modificação das relações pessoais durante o período de pandemia ocasionada pela Covid-19 também sugerem uma forte associação com os sintomas de nomofobia chegando a ter quase 4 vezes mais chances de desenvolver os sintomas do que aqueles que não tiveram mudanças nas relações (Tabela 4). Foram notados nesse estudo que realizar atividade física, ter parceiro fixo e tempo para lazer é um fator de proteção para os sintomas. Nessa amostra, não foram observados significância estatística entre as variáveis de sexo, idade e renda.

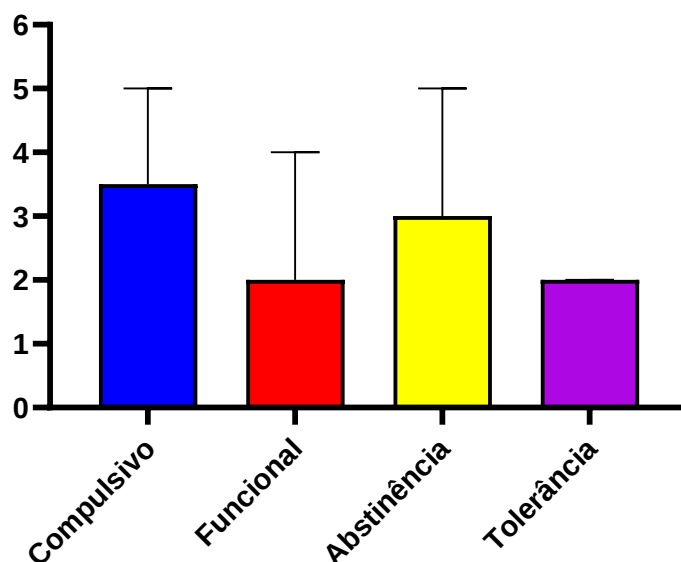
Tabela 4- Sintomas de Nomofobia e Fatores associados

Nomofobia N = 193			
Fatores Associados	OR	IC(95%)	p-value
Estudantes graduação	1,7778	1,0350-3,0537	0,0371
Percepção de ansiedade	4,8523	2,3153-10,1690	0,001
Percepção de estresse	2,3877	1,3847-4,1168	0,017
Marca de celular (<i>Apple</i>)	2,0728	1,2934-3,3220	0,025
<i>Yale Single Question</i> (depressão)	2,3484	1,4811-3,7233	0,003
Modificação das relações pessoais durante pandemia	4,2436	2,5296-7,1189	0,001

Fonte: Autoria Própria, 2024.

Entre os domínios do SPAI-BR, foram identificados que perguntas relacionadas ao Comprometimento Compulsivo e Síndrome de Abstinência foram as mais pontuadas entre os estudantes do DSAU/UEFS (Figura 1).

Figura 1 – Pontuações do *Smartphone Addiction Inventory* – Brasileiro (SPAI-BR) avaliadas por domínio.



Fonte: Autoria Própria, 2024.

Também foi realizado uma análise dos domínios para avaliar a precisão do SPAI-BR em cada domínio. Os domínios de comportamento compulsivo, síndrome de abstinência e comprometimento funcional possuem boas Áreas Sob a Curva (AUC), o que significa que elas são eficazes na discriminação de indivíduos com ou sem sintomas de nomobofia. O domínio tolerância possui uma (AUC) bem menor, mas ainda assim é um indicador eficaz (Tabela 5).

Tabela 5 - Comparação de curvas ROC dos domínios do SPAI-BR

Domínio	AUC	SE ^a	IC(95%)
Compulsivo	0,944	0,0116	0,913-0,940
Funcional	0,904	0,0166	0,866-0,934
Abstinência	0,911	0,163	0,874-0,940
Tolerância	0,823	0,0235	0,777-0,863

Fonte: Autoria Própria, 2024.

DISCUSSÃO

A prevalência de sintomas de nomofobia entre os estudantes universitários desse estudo foi de 60,9%, uma prevalência maior comparado a pesquisas realizadas em anos anteriores utilizando o mesmo instrumento em Estudantes Universitários (Khoury *et al.*, 2019; Tarin *et al.*, 2020; Benini *et al.*, 2022; Lobo *et al.*, 2022).

Os achados também destacam uma associação dos sintomas de nomofobia relacionada a ansiedade, depressão e estresse que também são relatadas em estudos prévios (Kubrusly *et al.*, 2021; Sureka *et al.*, 2020; Matar Boumolesh *et al.*, 2017) mas a sua causalidade nessas pesquisas não pode ser definida devido as metodologias do estudo.

No entanto, um estudo realizado na Sérvia demonstrou que existe um aspecto bilateral entre a dependência de *smartphone* indicando que há uma relação de mão dupla, o uso excessivo dos *smartphones* pode contribuir para o desenvolvimento de ansiedade, depressão e estresse e ao mesmo tempo, esses transtornos podem também levar ao uso problemático do *smartphone* (Stankóvic *et al.*, 2020).

Achados semelhantes também foram encontrados nos estudos de Elhai *et al.*, (2016) onde destaca-se que os sintomas de nomofobia acontecem concomitantemente com os transtornos mentais, utilizando o celular como mecanismo de alívio do estresse, enfrentamento para lidar com as emoções depressivas e sentimentos de solidão. Embora, pareça ser uma estratégia eficaz para evitar as emoções negativas, pode resultar em consequências emocionais prejudiciais e o surgimento de um ciclo vicioso.

Na nossa amostra, a variável idade não obteve uma associação significativa com os sintomas de nomofobia, indo em contrapartida a pesquisas anteriores que informam

que jovens são mais vulneráveis a desenvolver o vício (Humood *et al.*, 2021), porém pôde-se observar que estudantes da graduação em sua grande maioria mais jovem, são mais susceptíveis do que estudantes de pós-graduação, acredita-se que, devido ao tamanho maior de estudantes de graduação que participaram desse estudo, a relevância dos resultados tenha sido mais significativa, proporcionando uma visão mais abrangente sobre o comportamento da população em graduandos.

Esses achados também vão de encontro a pesquisa realizada por Boechat *et al.*, (2024) onde foram identificados sintomas de nomofobia também na população mais velha, apontando que a nomofobia pode acometer tanto estudantes adulto jovens quanto os adultos de meia idade com faixa etária entre 50 a 59 anos.

Uma característica marcante desses achados é que celulares da marca *Apple* também possuem associação com os sintomas de nomofobia quando comparados a outras marcas de telefones. Em um estudo realizado na China (Li, 2024) afirma que a marca *Apple* utiliza de forma estratégica, uma narrativa para criar conexões emocionais profundas com os consumidores, sinalizando em seu marketing a história da *Apple*, a filosofia de *design* e a visão capitalista que existe em usar um artefato *Apple*.

Isso constrói uma imagem da marca que ressoa intensamente com os usuários e cria uma ligação emocional para além do simples uso do produto, fazendo com que os consumidores desenvolvam um laço único e significativo e aumentando o consumo do produto (Li, 2024). Transformando dessa forma, uma relação de apego ao *smartphone* e consequentemente desenvolvendo os sintomas característicos da nomofobia.

Essa relação de apego pelo *smartphone* é também descrita no estudo de Darvishi *et al.*, (2019) onde são identificados nos estudantes, sintomas de desconforto, raiva e insegurança quando os usuários se distanciam do artefato tecnológico, bem como questões de autoestima influenciadas principalmente pelo uso das redes sociais.

As redes sociais por sua vez, podem refletir na vida dos indivíduos como uma relação de prazer em vivenciar a realidade dentro das telas. Uma vez que, a utilização da rede social, causa no corpo humano a liberação de dopamina, neurotransmissor que atua especialmente no humor, prazer e aprendizado. Nas redes sociais, os estímulos acontecem frequentemente, a cada curtida, comentário e atualização do *feed*, sendo também comparado a um “prêmio” e consequentemente a sensação de recompensa, fazendo com que o corpo libere dopamina. Esse fluxo mantém os indivíduos cada vez mais ativos e conectados (Marins, 2021; Direkton; Nuri., 2019).

Além disso, existe o *Fear Missing Out* (FoMO) que significa o “Medo de Se Sentir Por Fora”, onde o usuário sente sensações de desconforto ao não acompanhar a vida dos outros, sendo caracterizada pelo impulso constante de acompanhar a vida “fascinante” e “cheia de aventuras” de outras pessoas através das redes sociais, isso gera a necessidade de consumir conteúdos, aumentando o tempo de uso em telas (Siquara *et al.*, 2023).

A frequência do uso em telas também está associado aos sintomas de nomofobia, Indivíduos que passam mais tempo em uso do *smartphone* possuem maior probabilidade em desenvolver a dependência (Nápoles., 2023, Humood *et al.*, 2021), o que também interfere nas relações sociais e afetivas. Sabe-se que ficar desconectado da internet e principalmente das redes sociais estão entre as principais causas da nomofobia (King *et al.*, 2014).

Existe sobretudo nesse cenário, uma correlação entre o tempo dedicado às redes sociais e as habilidades sociais afetivas, indicando que, à medida que as pessoas passam mais tempo nas redes sociais, sua capacidade de se relacionar fisicamente e afetivamente diminuem (Teles; Barbieri., 2024).

As novas formas de relacionamento também são reflexos do período pandêmico, onde a humanidade recorreu aos *smartphones* para manter as relações e de alguma forma se fazerem presentes na vida das pessoas (Ghogare *et al.*, 2021). No entanto, essas relações tornam-se desafiadoras porque tendem a diminuir a qualidade das interações presenciais, fragmentando a atenção e dificultando a criação de relacionamentos mais íntimos e significativos, nessa amostra foi possível identificar associação sobre a percepção da modificação das relações pessoais da pandemia com a nomofobia.

Desse modo, a preocupação frequente em estar sempre conectado envolvem aspectos que afetam a saúde mental, bem-estar e impactos na formação. Os sintomas de nomofobia como visto nos dados dessa pesquisa estão associados a sintomas de ansiedade, estresse e depressão e prejudicam as habilidades sociais. Isso pode resultar na dificuldade em se desconectar do dispositivo, levando ao excesso de produtividade e a não capacidade de relaxar, além de que pode também prejudicar o aprendizado e o desempenho dos estudantes em atividade acadêmicas os levando à distrações constantes dentro das salas de aula e aumentando o risco de procrastinação.

Uma das grandes limitações desse estudo foi a grande quantidade de perda de participantes devido a problemas técnicos na utilização do serviço de *wifi* da universidade, muitos estudantes não conseguiam acessar a plataforma RedCap para realizarem o questionário. Além disso, esse estudo possui um desenho transversal, não podendo definir

uma causalidade específica dos sintomas de nomofobia, dessa forma se faz necessário complementar esses achados com a realização de estudos longitudinais e/ou experimentais para uma análise mais robusta e que definam relações de causa e efeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa demonstrou que estudantes universitários do Departamento de Saúde da UEFS apresentam alta prevalência de sintomas de nomofobia, além de que a dependência está altamente associada a frequência do tempo de uso em telas, percepções de ansiedade, estresse e depressão bem como as modificações nos relacionamentos pessoais durante a pandemia. Além disso, estudantes que possuem celulares da marca *apple* possuem maior prevalência em desenvolver os sintomas. Desse modo, se faz necessário a realização de estudos longitudinais para deselvolver relações de causalidade entre os fatores associados e a nomofobia.

REFERÊNCIAS

- BOECHAT, D; NETO, A.P; BARBOSA, L. Nomofobia e Pandemia: um estudo sobre o medo de ficar desconectado no Brasil. **Rev. Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v.18, n.1, p.130-143, 2024 doi: <https://doi.org/10.29397/reciis.v18iAhead-of-Print.3506>.
- CHETANA,K; NELLIYANIL, M; ANIL, M. Prevalence of Nomophobia and its Association with Loneliness, Self Happiness and Self Esteem among Undergraduate Medical Students of a Medical College in Coastal Karnataka, **Indian Journal of Public Health Research & Development**, 2020, Vol. 11, No. 03 doi:
- DARVISHI, M; NOORI, M; NAZER, M.R; SHEIKHOESLAMI, S; KARIMI, E. Investigating Different Dimensions of Nomophobia among Medical Students: A Cross-Sectional Study. **Macedonian Journal of Medical Sciences**, 2019 7 (4): 573-578. doi: <https://doi.org/10.3889/oamjms.2019.138>.
- DIREKTOR, C; NURI, C. Pesonality beliefs as a predictor of smartphone addiction. **Arch Clin Psychiatry**, 2019 (46) 3:61-5. Doi: 10.1590/0101-60830000000195
- ELHAI, J.D; DVORAK, R.D; LEVINE, J.C; HALL., B.J. Problematic smartphone use: A conceptual overview and systematic review of relations with anxiety and depression psychopathology. **Journal of Affective Disorders**, 2017, Pages 251-259. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2016.08.030>.
- HAN, Y; QIN, G; HAN, S; KE, Y; MENG, S; TONG, W; GUO, Q; LI, Y; YE, Y; SHI, W. Effect of Mobile Phone Addiction on Physical Exercise in University Students: Moderating Effect of Peer Relationships. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, 2023, 20, 2685. Doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph20032685>.
- HUMOOD, A; ALTOOQ, N; ALTAMIMI, A; ALMOOSAWI, H; ALZAFIRI, M, BRAGAZI, N.L; HUSNI, M; JAHRAMI, H. The prevalence of Nomophobia by Population and by research: A systematic review, meta-analysis, and meta-regression. **Psych**, 2021, 3, 249–258.
- KHOURY, J. M. Tradução, adaptação cultural e validação de uma versão brasileira do questionário smartphone addiction inventory (spai) para o rastreamento de dependência de smartphone, 180 f. **Dissertação (Mestrado em Medicina) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2016.
- KING, A.L.S; NARDI, A.E; CARDOSO, A. Dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? O impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos. Nomofobia. São Paulo. SP: **ATHENEU**, 2014.
- KING, A.L.S; VALENÇA, A.M; NARDI, A.E. Nomophobia: The mobile phone in panic disorder with agoraphobia reducing phobia or whorsening of dependence? **Cog. Behav Neurol** 2010; 23:52–54.

KUBRUSLY, M. et al. Nomofobia entre discentes de medicina e sua associação com depressão, ansiedade, estresse e rendimento acadêmico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 3, 2021.

LI, TONGFEI. Apple: A Clever Integration of Psychology and Scientific Marketing. **International Journal of Global Economics and Management**, Vol.3, n2. 2024 doi: <https://doi.org/10.62051/ijgem.v3n2.30>

MATAR BOUMOSLEH, J.; JAALOUK, D. Depression, anxiety, and smartphone addiction in university students- A cross sectional study. **PLoS ONE**, v. 12, n. 8, 1 ago. 2017.

RANJAN, R; DAS, D; NATH, S. Problematic use of Smartphone and Nomophobia among Medical and Nursing Undergraduate Students of a Tertiary Care Referral Hospital in India and its Association with Quality of life: a cross-sectional observational study. **Psychiatria Danubina**, 2023; Vol. 35, No. 3, pp 407-417. Doi: 10.24869/psyd.2023.407.

SIQUARA, G.M; ABREU, N; FLORIANO, A.V; SALDANHA, L.A; Tradução, evidências de validade e fiabilidade da versão brasileira da Fear of Missing Out Scale. **Ciencias Psicológicas**, 2023; 17(2), e-2835. Doi: 10.22235/cp.v17i2.2835.

STANKÓVIC, M; NEŠIĆ, M; ČIČEVIĆ, S; SHI, Z. Association of smartphone use with depression, anxiety, stress, sleep quality, and internet addiction. Empirical evidence from a smartphone application. **Personality and Individual Differences**, 168 , 2021. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110342>.

SUREKA, V. et al. Prevalence of nomophobia and its association with stress, anxiety and depression among students. **Biomedicine (India)**, v. 40, n. 4, p. 522–525, 2020.

TARIN, M.L.B; SANZ, C.S; SIERRA, E.C; ORTEGA, C.S; ANGULO, C.C; SABATER, A.M Self-Perception of Dependence as an Indicator of Smartphone Addiction—Establishment of a Cutoff Point in the SPAI–Spain Inventory. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 2020. Doi: 10.3390/ijerph17113838.

TELES, R; BARBIERI, D. Relação entre tempo em redes sociais e déficits em habilidades sociais afetivas. **Rev. Psicologia, Diversidade e Saúde**, 2024;13:e5397 doi: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsd.2024.e5397>.

YLDIRIM, C; CORREIA, A.P; Exploring the dimensions of nomophobia: development and validation of a self-reported questionnaire. **Computers in Human Behavior**, vol 49 130-137, 2015. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.02.059>.

7 CONCLUSÃO

Essa pesquisa propôs entender alguns aspectos que envolvem a nomofobia entre os estudantes universitários. Primeiramente por uma seleção de artigos realizados através de revisão integrativa para avaliar mediante a literatura aspectos relevantes sobre a nomofobia no meio acadêmico.

Os sintomas causados pelo excesso de conectividade desenvolvem nos indivíduos problemas emocionais, físicos e sociais. Desse modo, é preciso pensar em atitudes protetivas e conscientes do uso do celular, artefato este que é crucial para conviver no dia-a-dia, seja para conectar com parentes distantes, acessar aplicativos de bancos, utilizar redes sociais para atualizações de notícias, dentre inúmeras possibilidades que o *smartphone* pode oferecer para o usuário, mas que para além disso é também causador de aspectos de emoções negativas, conforme demonstrado nessa pesquisa.

Por se tratar de um assunto relativamente novo e moderno, há uma escassez de artigos que melhor delimitem os fatores associados, partindo desse pressuposto, foi realizado um estudo transversal para identificar a presença da Nomofobia entre Estudantes Universitários da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Obtivemos a prevalência de 60,9% dos sintomas de nomofobia observados em Universitários do Departamento de Saúde da UEFS e foram associados a sintomas de ansiedade, depressão e estresse, além de que houve uma associação significativa maior em estudantes de graduação, marca de celular utilizada e percepção de modificações das relações sociais na pandemia. Sabe-se que hoje em dia, “o mundo se move” através das tecnologias, e as pessoas tem a “vida” no celular. Desse modo, o uso da tecnologia requer uma nova habilidade ainda pouco desenvolvida que é: saber identificar os sinais de alerta, cuidar da saúde mental, do lado humano, emocional e social.

Não podemos definir uma causalidade relacionada aos sintomas de nomofobia, mas discutimos aspectos que são essenciais para a compreensão desses sintomas na nossa sociedade, além de que a compreensão desses fatos pode vir ajudar na realização de práticas protetivas para o sintomas como: desativar notificações necessárias, realizar exercícios de *mindfulness*, dedicar mais tempo a atividades que não envolvam tecnologias, usar aplicativos para monitorar o tempo de uso e praticar desconexão digital, principalmente em locais de grande sociabilidade, permitindo que o indivíduo possa relaxar e reconectar com o mundo real.

Dessa forma é importante a realização de novas pesquisas com outros desenhos

metodológicos para compreender a causalidade da nomofobia, bem como a sensibilização dos atores sociais que envolvem tanto a universidade quanto a sociedade, visto que é um tema que tende a crescer também em outros espaços e em outras faixas etárias e dessa forma, é necessário pensar em como melhor delinear este cenário para viabilizar o cuidado integral em todos os âmbitos, a fim de avaliar esta conjunção, desvendar mais fatores associados a nomofobia, bem como a realização de uma implementação a nível institucional de políticas públicas para incentivar o uso consciente de *Smartphones* entre estudantes universitários e que possam de fato, sensibilizar essa população.

10 REFERÊNCIAS

- ABDON, A.P.V; BARROS, M.C.D.V; ABREU, C.C.T; FALCÃO, T.N; SOUSA, J.G.O; MONT'ALVERNE, D.G.B. Tempo de uso do smartphone e condições de saúde relacionadas em idosos durante a pandemia da Covid-19. **Rev.Brasileira de Gerontologia**, 2022;25(6): e210194. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562022025.210194.pt>.
- ABU-JEDY, A. Mobile phone addiction and it relationship with self-discloser among sample of students from University of Jordan and Amman Al- Ahliyya University. **Journal of Applied Science** – 150. 137, 2008.
- AL-BARASHDI, H.S; BOUAZZA, A; JABUR, N.H. Smartphone Addiction among university undergraduates: a literature review. **Journal of Scientific Research & Reports** 4(3): 210-225, 2015. doi: 10.9734/JSRR/2015/12245.
- AL-MAMUN, F. et al. Nomophobia among university students: Prevalence, correlates, and the mediating role of smartphone use between Facebook addiction and nomophobia. **Heliyon**, v. 9, n. 3, p. e14284, mar. 2023. doi: 10.1016/j.heliyon.2023.e14284
- ALMEIDA FILHO. N. de.; BARRETO, M. L. Epidemiologia & Saúde - Fundamentos, **Métodos e Aplicações**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
- AMORIM, R.M. Meu celular, meu vício: um estudo sobre dependência de smartphone nos universitários das instituições públicas de ensino superior do brasil. **Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Pampa**, Santana do Livramento, 2020.
- ARGUMOSA-VILLAR, L.; BOADA-GRAU, J.; VIGIL-COLET, A. Exploratory investigation of theoretical predictors of nomophobia using the Mobile Phone Involvement Questionnaire (MPIQ). *Journal of Adolescence*, v. 56, p. 127–135, 1 abr. 2017.
- ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 3, 28 dez. 2018.
- ASFAW, H. YIGZAW, N; YOHANNIS. Z; FEKADU. G; ALEMAYEHU, Y; Prevalence and associated factors of suicidal ideation and attempt among undergraduate medical students of HaramayaUniversity, Ethiopia. A cross sectional study. **PLoS ONE** 15(8): e0236398
- AYRES, J. R. C. M.; et al. O risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. **Tratado de saúde coletiva**, p.375-417, 2006.
- AYRES, R. J et al.; Interview with José Ricardo Ayres. **Saúde Soc.** São Paulo, v.27, n.1, p.51-60, 2018.
- BARDAGI, M. P. Evasão e comportamento vocacional de universitários: estudos sobre o desenvolvimento de carreira na graduação. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

- BASU, S. et al. Addiction-like behavior associated with mobile phone usage among medical students in Delhi. **Indian Journal of Psychological Medicine**, v. 40, n. 5, p. 446–451, 1 set. 2018.
- BAYRAM, N.; BILGEL, N. The prevalence and socio-demographic correlations of depression, anxiety and stress among a group of university students. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 43, n. 8, p. 667–672, abr. 2008.
- BENINI, F. M. et al. Há relação entre uso do celular com dor cervical e incapacidade nas habilidades das atividades diárias? **Brazilian Journal of Pain**, v. 5, n. 2, 2022.
- BHATTACHARYA, S; BASHAR M. A; SRIVASTAVA, A; SINGH, A. Nomophobia: No Mobile Phone Phobia. **Journal Family Med Prim Care**, 2019;8:1297-300. doi: 10.4103/jfmprc.jfmprc_71_19.
- BIANCHI A; PHILLIPS, J.G. Psychological predictors of problem mobile phone use. **Cyberpsychol Behav.** 2005 Feb;8(1):39-51. doi: 10.1089/cpb.2005.8.39. PMID: 15738692.
- BIANCHESSI, C. Nomofobia e a dependência tecnológica do estudante. **Editora BAGAI**. Curitiba, Bagai, 2020.
- BONITA, R.; BEAGLEHOLE, R.; KJELLSTRÖM, T. **Epidemiologia básica**. Tradução e revisão científica de: Juraci A. Cesar. 2.ed. São Paulo: Santos. 2010.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Resolução no 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF: **Ministério da Saúde**, 2012.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Resolução no 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF: **Ministério da Saúde**, 2016.
- CASTIONI, R. et al. Brazilian federal universities in the Covid-19 pandemic: student internet access and emergency remote Teaching. **Ensaio**, v. 29, n. 111, p. 399–419, 1 abr. 2021.
- CHEN, B. et al. Gender differences in factors associated with smartphone addiction: A cross- sectional study among medical college students. **BMC Psychiatry**, v. 17, n. 1, 10 out. 2017.
- CHÓLIZ, M. Mobile-phone addiction in adolescence: The Test of Mobile Phone Dependence (TMD). **Prog Health Science** Vol. 2(1) pp 33-44, 2012.
- CORRÊA, R. P. et al. The perceptions of Brazilian postgraduate students about the impact of COVID-19 on their well-being and academic performance. **International Journal of Educational Research Open Elsevier Ltd**, 1 jan. 2022.
- DARVISHI, M; NOORI, M; NAZER, M.R; SHEIKHOLESAMI, S; KARIMI, E. Investigating Different Dimensions of Nomophobia among Medical Students: A Cross-Sectional Study. **Macedonian Journal of Medical Sciences**, 2019 7 (4): 573-578. doi:https://doi.org/10.3889/oamjms.2019.138.
- DENIS, E. et al. Comportamiento epidemiológico de la dependencia del teléfono móvil: unaperspectiva criminológica. **Colombia Forense**, v. 5, n. 1, p. 35–42, 23 jul. 2018. doi: https://doi.org/10.16925/cf.v5i1.2362.
- DEVIS-DEVIS, J; PEIRÓ-VELERT, C; BELTRAN-CARRILO, V; TOMÁS, J.M. Screen media time usage 12-16 year-old Spanish school adolescents: Effects of personal

and socioeconomic factors, season and type of day. **Journal of Adolescence** v.32, 213-231. 2009. doi: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2008.04.004>.

DULTRA, F. A história do telefone como distinção social no Brasil da elite empresarial ao consumo popular. **Revista Brasileira da História da Mídia**; 5(2):102-116, 2016.

FACUNDES, V.L.D; LUDERMIR, A.B; Common disorders among health care students. **Rev Bras Psiquiatr.** 2005;27(3):194-200.

FAROOQUI, I. A.; PORE, P.; GOTHANKAR, J. Nomophobia: an emerging issue in medical institutions? **Journal of Mental Health**, v. 27, n. 5, p. 438–441, 3 set. 2018.

FONAPRACRE, V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis**, Brasília; DF, 2019.

FURTADO, E. S; FALCONE, F.M.O; CLARK, C. Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. **Interação em Psicologia** p. 43-51, v. 7, n. 2, p. 43–51, 2003.

ESPÍNDOLA, M; GIANNELLA, T. Tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino de ciências e da saúde: análise das formas de integração de ambientes virtuais de aprendizagem por professores universitários. **R. bras. Ens. Ci. Tecnol.**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 189-210, 2018.

GAOTTO, E. M. G; TRAPÉ, C. A; CAMPOS, C. M. S; FUJIMORI, E; CARRER, F. C. De A; NICHATA, L. Y. I; CORDEIRO, L; BORTOLI, M. C. de; YONEKURA, T; TOMA, T. S; SOARES, C. B. Response to college students' mental health needs: a rapid review. **Revista de Saúde Pública**, [S. l.], v. 55, p. 114, 2021. DOI: 10.11606/s1518-8787.2021055003363.

GHOGARE, A. et al. A cross-sectional online survey of an impact of COVID-19 lockdown on smartphone addiction and nomophobia among undergraduate health sciences students of a rural tertiary health-care center from Maharashtra, India. **Annals of Indian Psychiatry**, v. 6, n. 1, p. 27, 2022.

GOMES, C.F.M; PEREIRA, R.J; CARDOSO, J.V; SILVA, D.A. Common mental disorders in university students: epidemiological approach about vulnerabilities. **Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** 2020;16(1):1-8. doi: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.157317>.

GONÇALVES, L.L; BORTOLANZA, S.C; PADUA, M.K; NARDI, A.E; KING, A.L.S. Nomophobia in the last decade: a systematic review. **Mental Health and Addiction Research**, Vol. 6:1-7, 2022.

GOODMAN, A. Addiction: definition and implications. **British Journal of Addiction**. Vol. 85 (11), 14031418, 1990. doi: doi.org/10.1111/j.1360-0443.1990.tb01620.x

HARRIS, P.A; TAYLOR, R; THIELKE, R; PAYNE, J; GONZALEZ, N; CONDE, J.G. Research electronic data capture (REDCap) – The REDCap consortium: Building an international community of software partners, **J Biomed Inform.** 2019 Apr;42(2):377-81.

HEAD, M; ZIOLKOWSKI, N. Understanding student attitudes of mobile phone features:

Rethinking adoption through conjoint, cluster and SEM analys. **Computers in Human Behavior** v.28 (6)2331-2339, 2012. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.07.003>.

HUMOOD, A; ALTOOQ, N; ALTAMIMI, A; ALMOOSAWI, H; ALZAFIRI, M, BRAGAZI, N.L; HUSNI, M; JAHRAMI, H. The prevalence of Nomophobia by Population and by research: A systematic review, meta-analysis, and meta-regression. **Psych**, 2021, 3, 249–258.

HUSSIEN, R.M. The association between nomophobia and loneliness among the general population in the Kingdom of Saudi Arabia. **Middle East Currently Psychiatry**; 29:68, 2022.

IBGE, Estimativa populacional 2010. **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, dados referentes ao Município de Feira de Santana, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>.

IBGE, Pesquisa nacional por amostras de domicílios contínua, acesso à internet, televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021, **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101963>

JAHNEL, T. et al. The digital rainbow: Digital determinants of health inequities. **Digital Health**, v. 8, 2022.

JEONG, S.H; KIM, H.J; YUM, J.Y; HWANG, Y. What type of content are smartphone users addicted to? SNS x games. **Computers in Human Behavior**. v.54, 10-17, 2016. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.07.035>.

KHOURY, J. M. Tradução, adaptação cultural e validação de uma versão brasileira do questionário smartphone addiction inventory (spai) para o rastreamento de dependência de smartphone, 180 f. **Dissertação (Mestrado em Medicina) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2016.

KHOURY, J.M; NEVES, M.C.L; ROQUE, M.A.V, FREITAS, A.A.C; COSTA, M.R; GARCIA, F.D. Os vícios em smartphones e Facebook compartilham fatores de risco e prognóstico comuns em uma amostra de estudantes de graduação. **Trends Psychiatry Psychother**. 2019; 41(4):358-368. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-6089-2018-0069>

KIM, S.E; KIM, J.W; JEE, Y.S. Relationship between smartphone addiction and physical activity in Chinese international students in Korea. **Journal of Behavioral Addictions** 4 (3), pp.200-205, 2015. doi: 10.1556/2006.4.2015.028.

KING, A.L.S; VALENÇA, A.M; NARDI, A.E. Nomophobia: The mobile phone in panic disorder with agoraphobia reducing phobia or whorsening of dependence? **Cog. Behav Neurol** 2010; 23:52–54.

KING, A.L.S; NARDI, A.E; CARDOSO, A. Dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? O impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos. **Nomofobia**. São Paulo. SP: ATHENEU, 2014.

KUBRUSLY, M. et al. Nomofobia entre discentes de medicina e sua associação com

depressão, ansiedade, estresse e rendimento acadêmico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 3, 2021

LAMANA, R; CAMPOS, C; ALVAREZ, M et al., Anxiety, Low Self-Esteem and a Low Happiness Index Are Associated with Poor School Performance in Chilean Adolescents: A Cross-Sectional Analysis. **Int. J. Environ. Res. Public Health** 2021, 18(21), 11685; <https://doi.org/10.3390/ijerph182111685>

LASCHS M, FEINSTEIN A, COONEY L et al., A simple procedure for general screening for functional disability in elderly patients. **Ann of Internal Medicine** 1990;112:699-706. doi:10.7326/0003-4819-112-9-699.

LEE, Y; BLEBEA, J; JANSSEN, F; DOMOFF, S.E. The impact of smartphone and social media use on adolescents sleep quality and mental health during Covid-19 Pandemic. **Human Behavior and Emerging Technologies**, 2023. doi: <https://doi.org/10.1155/2023/3277040>.

LIN, Y.H; CHANG, L.R; LEE, Y.H; TSENG, H.W; KUO TBJ, et al. Development and Validation of the Smartphone Addiction Inventory (SPAI). **PLoS ONE**, 2014 9(6): e98312. doi: 10.1371/journal.pone.0098312.

LOBO, L. M. D. G. A. et al. Factors associated with smartphone addiction in nursing students. **Texto e Contexto Enfermagem**, v. 31, 2022.

LORENZO, C. Vulnerabilidade em saúde pública: implicações para as políticas públicas. **Rev.Brasileira de Bioética**; Vol 2 - número 3, 2006.

MACHADO, D. V., & EISENBERG, Z. (2023). Um estudo sobre nomofobia e crenças de autoeficácia acadêmica em estudantes universitários. **SciELO Preprints**. doi: doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5800.

MARINS, Dayana Boechat de. Nomofobia e pandemia: um estudo sobre o comportamento on-line no Brasil. 2021. 112f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, **Fundação Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 2021.

MATAR BOUMOSLEH, J.; JAALOUK, D. Depression, anxiety, and smartphone addiction in university students- A cross sectional study. **PLoS ONE**, v. 12, n. 8, 1 ago. 2017.

MEI M. C; LING H.C., JIAN A.Y; PEI W.W. Conceptual Paper: Factors Affecting the Demand of Smartphone among Young Adult. **International Journal on Social Science, Economics and Art**, 2(2), 44–49, 2012. doi: <https://doi.org/10.35335/ijosea.v2i2.200>.

MODESTO, J. G.; ARAÚJO F, G.; PEREIRA S, G. O uso da tecnologia e nomofobia em estudantes universitários. **Revista Conhecimento Online**, [S. l.], v. 2, p. 6–20, 2022. doi: 10.25112/rco.v2.3025.

MORILLA, J.L; VIEIRA, G.C; DANTAS, C.N; CASSAGO, R.M; PUCCI, S.H.M; GOBBI, D.R. Nomofobia: uma revisão integrativa sobre o transtorno da modernidade. **Rev. Saúde Col. UEFS**, Feira de Santana, Vol. 10: 116-126, 2020.

MOTA, D.C.B; SILVA, Y.V; COSTA, T.A.F; AGUIAR, M.H.C; MARQUES, M.E.M; MONAQUEZI, R.M. Mental health and internet use by university students: coping strategies in the context of Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva** (26) 6:2159-2170, 2021.

NASER, A. Y. et al. Nomophobia among university students in five Arab countries in the Middle East: prevalence and risk factors. **BMC Psychiatry**, v. 23, n. 1, 1 dez. 2023.

NETTO, L. P. DA S. Dependência de Smartphones em Acadêmicos de Medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana: estudo de prevalência e fatores associados. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Medicina) **Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana**, 2019.

OMS; Organização Mundial da Saúde. CID-11: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (11a revisão). **Genebra: World Health Organization**; 2019.

PÁDUAL, M.S.K.L; KING, A.L.S; GUEDES, E; GUIMARÃES, F.L; GONÇALVES, L.L; DOS SANTOS, H.K; RODRIGUES D; NARDI, A.E. Validation of the scale of physical damages. **Medical Express** 2019. doi: 10.5935/MedicalExpress.2019.mo.004.

PEREIRA, M.G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012

PICON, F; KARAM, R; BREDAS, V; RESTANO, A; SILVEIRA, A; SPRITZER, D. Precisamos falar sobre tecnologia: caracterizando clinicamente os subtipos de dependência tecnológica. **Rev. Brasileira de Psicoterapia**, v.17, 2015.

PRASAD, M. et al. Nomophobia: A cross-sectional study to assess mobile phone usage among dental students. **Journal of Clinical and Diagnostic Research**, v. 11, n. 2, p. ZC34– ZC39, 1 fev. 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. Metodologia do trabalho científico: **métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICOY, M; COUTO, M; As boas práticas com TIC e a utilidade atribuída pelos alunos recém-integrados à universidade I, **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 897-912, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022014005000005>.

RIVA, G; WIEDERHOLD, B; MANTOVANI, F. Surviving COVID-19: The Neuroscience of Smart Working and Distance Learning, 2021. **Cyberpsychology, and Social Networking**. doi:10.1089/cyber.2021.0009

RODRIGUES, R. Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. **Caderno Tec**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Recife: IFPE, 2016. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/413/2018/12/artes_tecnologias_informacao_comunicacao.pdf

ROZA, R., Revolução informacional e os avanços tecnológicos da informática e das telecomunicações. **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, v. 4, n. 3, p. 3-11, set./dez. 2017. doi: <https://doi.org/10.28998/cirev.%25y43-11>

RUMSEY, D. J. Estatística para leigos. Rio de Janeiro: **Alta books**, 2019.

SALES, A; BOSCARIOLI, C; Uso de Tecnologias Digitais Sociais no Processo Colaborativo de Ensino e Aprendizagem. **Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação**, 2020. doi: 10.17013/risti.37.82–98

SAHU, M. et al. Perceived stress and resilience and their relation with the use of the mobile phone among nursing students. **Investigacion y Educacion en Enfermeria**, v. 37, n. 3, p. 1– 9, 2019.

SHAMBARE, R; RUGIMBANA, R; ZOWA, T. Are mobile phones 21st century addiction? **African Journal of Business Management**, Vol. 6(2), pp. 573-577, 18 January, 2012. doi: 10.5897/AJBM11.1940.

SHELDON, E; SIMMONDS-BUCKLEY, M; BONE, C; MASCARENHAS, T; CHAN, N; WINCOTT, M; GLEESON, H; SOW, K; HIND, D; BARKHAM, M. Prevalence and risk factors for mental health problems in university undergraduate students: A systematic review with meta-analysis. **J Affect Disord**. 2021 15; 287:282-292. doi: 10.1016/j.jad.2021.03.054.

SILVA, D. S. M. DA et al. Metodologias ativas e tecnologias digitais na educação médica: novos desafios em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 2, 2022.

SILVA, E.; MORAES, A; GRILLO, L.; KESSLER, R; MEZADRI, T.; PAGNOSSIN, D. F. Uso de telas como atividade de lazer antes, durante e após a pandemia sars-cov-2. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. e3830, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N3-206

SOUZA, M; CALDAS, T.; ANTONI, C. Fatores de adoecimento dos estudantes da área da saúde: uma revisão sistemática. **Psicologia e Saúde em Debate**, 2017 3(1), 99–126. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V3N1A8>.

SPITZER, R; KRONKE, K; WILLIAMS, J; LOWE, B. A brief measure for assessing generalized anxiety disorder: the GAD-7. **Arch Intern Med**. 2006;166(10):1092-1097. doi:10.1001/archinte.166.10.1092 .

SUREKA, V. et al. Prevalence of nomophobia and its association with stress, anxiety and depression among students. **Biomedicine (India)**, v. 40, n. 4, p. 522–525, 2020.

SZLEJF, C; SUEMOTO, C.K; GOULART, A.C; SANTOS, I.S; BACCHI, P.S; FATORI, D; RAZZA, L.B; VIANA, M.C; LOTUFO, P.A; BENSEÑOR, I.M; BRUNONI, A.R. A pandemic toll in frail older adults: Higher odds of incident and persistent common mental disorders in the ELSA-Brasil COVID-19 mental health cohort **J Affect Disord**, 2023.325, 392-398.

TEIXEIRA, T.S.C; MARQUEZE, E.C; MORENO, C.R.C. Academic productivism: when job demand exceeds working time. **Rev Saude Publica**. 2020; 54:117. doi: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002288>.

WAN ISMAIL, W. S. et al. The relations of internet and smartphone addictions to depression, anxiety, stress, and suicidality among public university students in Klang Valley, Malaysia. **Perspectives in Psychiatric Care**, v. 56, n. 4, p. 949–955, 1 out. 2020.

WHO; World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: **World Health Organization**; 2022.

YLDIRIM, C; CORREIA, A.P; Exploring the dimensions of nomophobia: development and validation of a self-reported questionnaire. **Computers in Human Behavior**, vol 49 130-137, 2015. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.02.059>.

.

11 APÊNDICES

APÊNDICE A: CARD PARA DIVULGAÇÃO DA PESQUISA

[illegible]



Urologia
Subgrupos

QUEM SOMOS?

O Núcleo de Pesquisas em Urologia - Subgrupos (UroS) é coordenado pelo Prof. Dr. José de Bessa Júnior e faz parte do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UEFS (PPGSC/UEFS) desenvolve pesquisas epidemiológicas relacionado a diversas áreas: urologia, saúde sexual, vulnerabilidades, entre outros.

OBJETIVO DESSE ESTUDO

Avaliar a prevalência de sintomas de nomofobia entre os estudantes do departamento de saúde da UEFS e fatores associados.

O que é NOMOFOBIA?

É o termo dado ao vício comportamental patológico decorrente da interação entre o ser humano e as tecnologias de comunicação, também chamada de dependência de smartphone, ocasionando nos indivíduos problemas psicológicos de dependência.



Estima-se que a prevalência de nomofobia seja de aproximadamente 70% para os casos moderados e 20% para os casos graves.

Jovens universitários são mais suscetíveis a desenvolver nomofobia.

SINTOMAS DA Nomofobia

Os indivíduos desenvolvem alguns sintomas quando não estão em uso do aparelho celular:

- Ansiedade
- Nervosismo
- Taquicardia
- Tremores
- Sudorese
- PODEM TAMBÉM APRESENTAR**
- Dores na coluna e articulações
- Diminuição de produtividade
- Perda de sono
- Problemas de visuais

Urologia Subgrupos

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva Para Todos os Estudantes Acadêmicos

fapesb Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Bahia

Sintomas de NOMOFOBIA entre estudantes do DSAU/UEFS

Nomofobia é o termo dado ao vício comportamental patológico decorrente da interação entre o ser humano e as tecnologias de comunicação, também chamada de dependência de smartphone, ocasionando nos indivíduos problemas psicológicos de dependência.

**CONTRIBUA
PARTICIPANDO
dessa pesquisa
ATRAVÉS DO QR-CODE**

E nos ajude a entender os fatores associados a essa dependência entre os estudantes universitários.

Sua participação será anônima

Parecer CEP nº: 6.147.394

Equipe UroS

@grupouro

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa “Condições de saúde dos estudantes do departamento de saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana”. Trata-se de um projeto de pesquisa realizado pelo grupo de pesquisa Urologia – Subgrupos Populacionais sob orientação do Prof. José de Bessa Júnior.

A pesquisa tem como objetivo avaliar aspectos relacionados a condição de saúde mental de estudantes do departamento de saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana, considerando os possíveis impactos durante e após a pandemia do COVID-19. Justifica-se pela necessidade de fomentar discussões sobre a saúde dos estudantes no DSAU-UEFS e o desenvolvimento de estratégias de auxílio.

Tal pesquisa ocorrerá de forma anônima através de questionário online no aplicativo *RedCap*. Você responderá a perguntas sobre seus dados pessoais, como idade, se tem parceiro fixo, atividade remunerada, prática de atividade física, por exemplo, e logo após responderá perguntas sobre aspectos relacionados a informações acadêmicas e sua saúde mental. Ressaltamos que estas perguntas não têm finalidade de diagnóstico. As respostas serão compiladas e analisadas pelos pesquisadores, em seguida serão organizadas em um relatório de pesquisa e guardadas por um período de cinco anos junto ao pesquisador responsável, após esse período os dados serão destruídos.

Acreditamos que não haja riscos físicos em participar da pesquisa, mas você poderá sentir constrangido ao responder questionamentos sobre sua vida. Caso sinta algum incômodo ou não deseje responder ou queira desistir de participar deste estudo em qualquer momento, não haverá prejuízos para você. Caso sinta algum desconforto, você poderá contatar o Núcleo de Apoio Psicossocial e Psicopedagógico da UEFS através do número de telefone e e-mail (75) 3161-8110 / 3161-8366 e propaae.napp@uefs. Caso essa pesquisa traga algum dano para você, garantimos que receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário. Você também poderá buscar indenização, se o dano for decorrente da sua participação nessa pesquisa. As informações obtidas serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os resultados serão apresentados de forma pública em data a ser programada e possivelmente serão apresentados em reuniões, congressos e publicados em revistas científicas para melhor elucidar o cenário da saúde dos estudantes dos cursos de graduação e pós graduação em ciências da saúde. E para que profissionais de saúde possam compreender tais aspectos e eventualmente ajudar pessoas como você a enfrentar problema

de saúde. Ressaltamos que você não será identificado em nenhum momento durante as apresentações. Além disso, assim que tivermos resultados definitivos, você receberá os resultados e conclusões dessa pesquisa.

Destacamos que tanto os pesquisadores como os participantes não receberão nenhum benefício financeiro para a realização deste estudo, mas caso haja algum custo decorrente da pesquisa vamos reembolsá-lo. Se você tiver dúvidas ou necessidade de qualquer esclarecimento sobre sua participação na pesquisa, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável pelo telefone (75) 3161-8096 ou no endereço Av. Transnordestina, S/N – Novo Horizonte – UEFS – CAU I.

Qualquer dúvida adicional sobre os aspectos éticos dessa pesquisa ou caso sintam-se de alguma forma prejudicados, você poderá entrar em contato, com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UEFS) no telefone 75-3161-8067 ou pelo endereço eletrônico cep@uefs.br, de segunda-feira à sexta-feira das 13:30h às 17:30h. Caso concorde em participar voluntariamente deste estudo, você deverá selecionar a opção “aceito” logo abaixo.

ANEXO B: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO: “NOMOFOBIA ENTRE OS ESTUDANTES DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA”

1. Idade: _____ anos

☐ Feira de Santana

1. Sexo:

☐ Salvador

☐ Feminino ☐ Masculino

☐ Outros municípios da Bahia

2. Qual a sua orientação sexual?

☐ Outros estados do Brasil

☐ Heterossexual: atração pelo sexo oposto.

☐ Homossexual: atração pelo mesmo sexo.

☐ Bissexual: atração por ambos.

☐ Assexual: atração por nenhum.

☐ Prefiro não responder

5. Você tem parceiro fixo (cônjuge/relacionamento sério)?

☐ SIM

☐ NÃO

6. Você tem filhos?

3. Cor/Raça:

☐ SIM

☐ NÃO

☐ Branco

7. Atividade remunerada:

☐ Negro

☐ Nenhuma

☐ Pardo

☐ Trabalho Remunerado

☐ Amarelo

☐ Atividade Extracurricular Acadêmica Remunerada (bolsas de PET, iniciação científica, monitoria, projetos de extensão, estágio, bolsas de pós graduação e etc).

☐ Indígena

4. Local de Procedência:

8. Desde o início da pandemia, ocorreu alguma mudança negativa significativa na renda da sua família?

☐ SIM

☐ NÃO

☐ Mestrado Profissional em Enfermagem

☐ Residência Multiprofissional em Saúde da Família

9. Você é aluno (a) de:

☐ Graduação

☐ Pós-graduação

☐ Residência Multiprofissional em Atenção a Urgência e Emergência

☐ Doutorado em Saúde Coletiva

10. Atualmente o que você cursa na UEFS?

☐ Medicina

☐ Enfermagem

☐ Odontologia

☐ Educação Física

☐ Farmácia

☐ Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva

☐ Mestrado Profissional em Saúde Coletiva

☐ Mestrado Profissional em Ciências Farmacêuticas

11. Ano do curso:

☐ 1º ano da Graduação

☐ 2º ano da Graduação

☐ 3º ano da Graduação

☐ 4º ano da Graduação

☐ 5º ano da Graduação

☐ 6º ano da Graduação

☐ Dessemestralizado. Há quanto tempo na graduação? _____

☐ 1º Ano do Mestrado

☐ 2º Ano do Mestrado

☐ 1º Ano da Residência

☐ SIM

☐ NÃO

☐ 2º Ano da Residência

17. Você já foi diagnosticado com Transtorno de Ansiedade?

☐ 1º Ano do Doutorado

☐ SIM

☐ NÃO

☐ 2º Ano do Doutorado

18. Você já fez algum tratamento para ansiedade?

☐ 3º Ano do Doutorado

☐ SIM

☐ NÃO

☐ 4º Ano do Doutorado

12. Você está satisfeito(a) com seu curso atualmente?

19. Você faz uso de drogas lícitas e/ou ilícitas

☐ SIM

☐ NÃO

☐ Cigarro/Tabaco

☐ Cigarro Eletrônico

☐ Alcool

13. Você possui tempo para lazer?

☐ Maconha

☐ Outro. Qual? _____

☐ SIM

☐ NÃO

☐ N/A

14. Você pratica alguma atividade física?

20. Durante o período da pandemia, você buscou refúgio no celular?

☐ SIM

☐ NÃO

☐ SIM

☐ NÃO

15. Você já foi diagnosticado com depressão?

21. Qual rede social você mais utiliza?

☐ SIM

☐ NÃO

☐ Instagram

☐ Whatsapp

16. Você já fez algum tratamento para depressão?

☐ TikTok

☐ Facebook

☐ Outra. Qual? _____

22.Quantas horas por dia você usa o celular?

☐ 0-2h;

☐ 2-4h;

☐ 4-6h;

☐ 6-8h;

☐ Mais de 8h por dia;

23.Qual a marca do seu aparelho celular?

☐ Apple

☐ Samsung

☐ Motorola

☐ Xiaomi

☐ Outro. Qual? _____

24.Qual o tipo de internet você utiliza

frequentemente?

☐ Fibra Ótica

☐ Wi-fi

☐ Internet 2G

☐ Internet 4G

☐ Internet 5G

☐ Outro. Qual? _____

25.A pandemia afetou negativamente asua saúde física e/ou mental?

☐ Sim, na saúde mental e física

☐ Sim, somente na saúde mental

☐ Sim, somente na saúde física

☐ Não

26. A pandemia impactou negativamente suas relações sociais

☐ SIM

☐ NÃO

9.

27. Qual seu nível de estresse atual?

☐ Nulo

☐ Baixo

☐ Médio

[] Alto

28.Você frequentemente se sente triste ou deprimido?

[] SIM

[] NÃO

ANEXO SPAI – BR: Este questionário é uma tradução adaptada culturalmente e validada do *Smartphone Addiction Inventory* (SPAI) (LIN, 2014) e consiste em 26 questões de formato dicotômico. Depois de ler cuidadosamente cada uma, marque sim ou não nos parênteses próximos à pergunta:

1. Já me disseram mais de uma vez que eu passo tempo demais no *smartphone*

[] SIM

[] NÃO

2. Eu me sinto desconfortável/ansioso/inquieto quando eu fico sem usar o *smartphone* durante um certo período de tempo.

[] SIM

[] NÃO

3. Eu acho que tenho ficado cada vez mais tempo conectado ao *smartphone*.

[] SIM

[] NÃO

4. Eu me sinto inquieto e irritado quando não tenho acesso ao *smartphone*.

[] SIM

[] NÃO

5. Eu me sinto disposto a usar o *smartphone* mesmo quando me sinto cansado.

[] SIM

[] NÃO

6. Eu uso *smartphone* durante mais tempo e/ou gasto mais dinheiro nele do que eu pretendia inicialmente.

[] SIM

[] NÃO

7. Embora o uso de *smartphone* tenha trazido efeitos negativos nos meus relacionamentos interpessoais, a quantidade de tempo que eu gasto nele mantém-se a mesma.

[] SIM

[] NÃO

8. Em mais de uma ocasião eu dormi menos que quatro horas porque fiquei usando *smartphone*.

[] SIM

[] NÃO

9. Eu tenho aumentado consideravelmente o tempo gasto usando o *smartphone* nos últimos 3 meses.

[] SIM

[] NÃO

10. Eu me sinto incomodado ou para

baixo quando eu paro de usar o *smartphone* por um certo período de tempo.

☐ SIM

☐ NÃO

11. Eu não consigo controlar o impulso de utilizar o *smartphone*.

☐ SIM

☐ NÃO

12. Eu me sinto mais satisfeito utilizando o *smartphone* do que passando tempo com meus amigos.

☐ SIM

☐ NÃO

13. Eu sinto dores ou incômodos nas costas ou desconforto nos olhos, devido ao uso excessivo de *smartphone*.

☐ SIM

☐ NÃO

14. A ideia de utilizar o *smartphone* vem como primeiro pensamento na minha cabeça quando acordo de manhã.

☐ SIM

☐ NÃO

15. O uso do *smartphone* tem causado efeitos negativos no meu desempenho na escola ou trabalho.

☐ SIM

☐ NÃO

16. Eu sinto falta de algo ao parar o uso do *smartphone* por um certo período de tempo.

☐ SIM

☐ NÃO

17. Minha interação com meus familiares diminuiu por causa do meu uso no *smartphone*.

☐ SIM

☐ NÃO

18. Minhas atividades de lazer diminuíram por causa do uso do *smartphone*.

☐ SIM

☐ NÃO

19. Eu sinto uma grande vontade de usar o *smartphone* novamente logo depois que eu paro de usá-lo.

☐ SIM

☐ NÃO

20. Minha vida seria sem graça se eu não tivesse o *smartphone*.

☐ SIM

☐ NÃO

21. Navegar no *smartphone* tem causado prejuízos para minha saúde física. Por exemplo, uso o *smartphone* quando atravesso a rua, ou enquanto dirijo ou espero algo, e esse uso pode ter me colocado em perigo.

☐ SIM

☐ NÃO

22. Eu tenho tentado passar menos tempo usando o *smartphone*, mas não tenho conseguido.

☐ SIM

☐ NÃO

23. Eu tornei o uso do *smartphone* um hábito e minha qualidade e tempo total de sono diminuíram.

☐ SIM

☐ NÃO

24. Eu preciso gastar cada vez mais tempo no *smartphone* para

alcançar a mesma satisfação de antes.

☐ SIM

☐ NÃO

25. Eu não consigo fazer uma refeição sem utilizar o *smartphone*.

☐ SIM

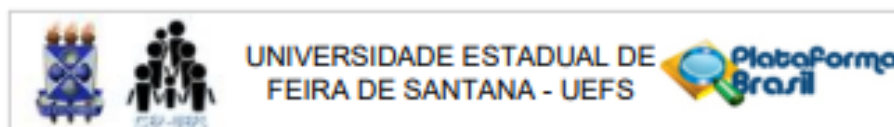
☐ NÃO

26. Eu me sinto cansado durante o dia devido ao uso do *smartphone* tarde da noite/demadrugada.

☐ SIM

☐ NÃO

ANEXO C: PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: CONDIÇÃO DE SAÚDE DE ESTUDANTES DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Pesquisador: Jose de Bessa Junior

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 45283321.3.0000.0053

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.147.394

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma solicitação de emenda do projeto com a inclusão de novos objetivos, alterações metodológicas, inclusão de pesquisadores e prorrogação do cronograma de execução do estudo. Esse projeto já foi apreciado e aprovado pelo comitê de ética da UEFS no ano de 2021, mas devido a pandemia houve um atraso na execução das atividades propostas pelo projeto. A situação de isolamento social, imposta pela pandemia do COVID-19, gerou impactos econômicos, um grande número de infectados e mortos no Brasil, além de modificação das atividades cotidianas e relações interpessoais, que tiveram implicação direta na saúde física e mental da população. Com isso, parte do meio universitário assumiu, no decorrer da pandemia, o ensino remoto parcial como alternativa a continuidade da educação, entretanto, os cursos da área da saúde, muito ligados ao contato pessoal entre estudantes e população por meio de atividades práticas, viram-se limitados em muitas frentes a esperar o retorno presencial. Essas condições evidenciam a necessidade de novos estudos sobre a população dos estudantes universitários de saúde para a avaliação dos impactos biopsicossociais associadas às mudanças provocadas pelo isolamento social decorrente da pandemia do COVID-19. O principal objetivo desse estudo é identificar a prevalência de sintomas depressivos, ansiedade, nomofobia e disfunção sexual em estudantes do Departamento de Saúde (DSAU) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Para isso será realizado um estudo observacional com abordagem quantitativa, do tipo exploratório, de corte transversal/seccional. O estudo será realizado em estudantes do DSAU da UEFS, no município de

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS



Continuação do Parecer: 6.147.384

Feira de Santana/BA, com idade maior ou igual a 18 anos, de ambos os sexos, por via remota. A coleta dos dados ocorrerá via questionário na plataforma Google Forms. Será criado um e-mail destinado a dúvidas, envio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) ao participante e receber as respostas dos questionários. O link do questionário será enviado e/ou acessado via link disponibilizado nos grupos de whatsapp de cada curso/turma. O questionário será composto por dados sociodemográficos; dados referentes aos impactos da pandemia na vida dos estudantes; perguntas sobre comorbidades existentes; dados sobre a disfunção sexual de homens e mulheres e sintomas de ansiedade, nomofobia, estresse e sintomas depressivos.

Critério de Inclusão:

Estudantes dos cursos de graduação inseridos no DSAU regularmente matriculados na Universidade Estadual de Feira de Santana independente do período do curso, de ambos os sexos e idade 18 anos.

Critério de Exclusão:

Estudantes menores de 18 anos de idade.

Orçamento com financiamento próprio no valor de R\$ 1.970,00

Cronograma:

Início da coleta de dados: 30/06/2023

Final do atividades: 30/12/2023

Objetivo da Pesquisa:

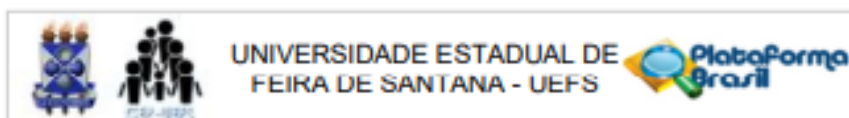
Objetivo Primário:

- Identificar a prevalência de sintomas depressivos, ansiedade, nomofobia e disfunção sexual em estudantes do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Objetivo Secundário:

- Investigar possíveis associações entre variáveis sociodemográficas e sintomas depressivos, ansiedade e Nomofobia nos estudantes do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cap@uefs.br



Continuação do Parecer: 6.147.386

Feira de Santana. • Investigar possíveis associações entre variáveis sociodemográficas e função sexual nos do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana. • Descrever o impacto das medidas restritivas de enfrentamento a COVID-19 na condição de saúde dos acadêmicos do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

o projeto apresenta como riscos que alguns dos participantes podem sentir-se constrangidos e desconfortáveis ao responder questões sobre seus sintomas. Como forma de mitigar tal risco, o participante será informado logo no início do questionário sobre a confidencialidade dos dados da pesquisa, e o sigilo dessas informações. Caso o participante se sinta desconfortável em responder tais questões ele pode abandonar a pesquisa a qualquer momento. Além disso, outra estratégia para reduzir os danos oriundos deste estudo, será informado a todos os participantes no início e no fim do questionário online a disponibilidade dos serviços prestados pelo Núcleo de Apoio Psicossocial e Psicopedagógico (APÊNDICE E), vinculado à UEFS.

Benefícios:

Este estudo não trará benefícios diretos ao participante. O benefício da pesquisa será voltado para as informações referentes ao perfil dos estudantes do DSAU da UEFS, considerando a necessidade de incorporar estratégias de proteção à saúde e ampliação da discussão do tema no meio acadêmico.

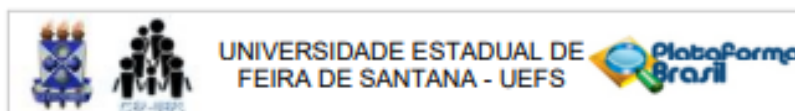
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A solicitação da emenda é em decorrência das seguintes modificações do projeto:

- a) incluir os estudantes dos cursos de pós graduação inseridos no DSAU/UEFS, dentre os participantes deste estudo;
- b) inclusão de questionários para avaliação de Depressão, Ansiedade e Nomofobia;
- c) alteração do instrumento de coleta das informações;
- d) inclusão de novos pesquisadores;
- e) prorrogação do cronograma de execução do estudo.

Todas mo

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 6.147.384

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Protocolo completo, fazendo-se necessários alguns ajustes para atender às exigências da Resolução 466/12. Foram anexados os seguintes documentos:

- 1) Folha de rosto com carimbo da responsável pela assinatura, sinalizando o cargo/função que exerce na instituição proponente;
- 2) Projeto completo;
- 3) Anuência do Departamento de Saúde (DSAU) da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia;
- 4) Declaração dos pesquisadores colaboradores se comprometendo em observar a Resolução 466/12;
- 5) Formulário de entrevista;
- 6) Anuência do Núcleo de Atenção Psicossocial e Pedagógica – NAPP da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis - PROPAAE da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia;
- 7) Cronograma;
- 9) Orçamento;
- 10) TCLE.

Recomendações:

Enviar um projeto sem as revisões de correções do Word, pois isso dificulta muito a leitura e compreensão das informações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

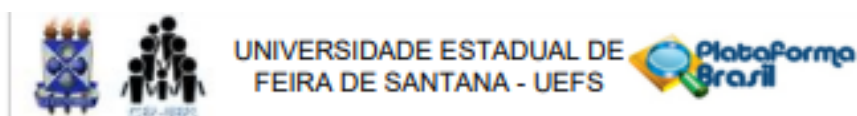
Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_213341_2_E1.pdf	02/05/2023 15:57:40		Aceito

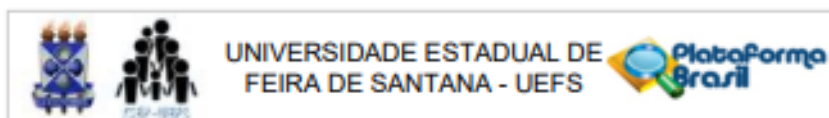
Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA
 Telefone: (75)3161-8124 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 6.147.386

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_emenda1.docx	02/05/2023 15:56:37	Jose de Bessa Junior	Aceito
Outros	questionarios_sociodem_spai_ph9_gad7_emenda1.docx	02/05/2023 15:56:05	Jose de Bessa Junior	Aceito
Outros	Oficio0092023_emenda_ao_projeto_emenda1.pdf	02/05/2023 15:55:40	Jose de Bessa Junior	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_pesquisador_marjory_emen da1.pdf	02/05/2023 15:54:47	Jose de Bessa Junior	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_pesquisador_anaciara_eme nda1.pdf	02/05/2023 15:54:37	Jose de Bessa Junior	Aceito
Cronograma	cronograma_execucao_projetoDSAU_e menda1.docx	02/05/2023 15:54:28	Jose de Bessa Junior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetomatriz_DSAU_destaque_emenda1.docx	02/05/2023 15:54:16	Jose de Bessa Junior	Aceito
Outros	Carta_resposta_CEP_DSAU.pdf	17/05/2021 17:17:02	Jose de Bessa Junior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DSAU_modificado.pdf	17/05/2021 17:16:15	Jose de Bessa Junior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_modificado_DSAU.pdf	17/05/2021 17:15:59	Jose de Bessa Junior	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Anuencia_NAAP2.pdf	31/03/2021 19:35:00	Jose de Bessa Junior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO MATRIZ CONDICAÇÃO DE S AÚDE ESTUDANTES_DSAU_versaofinal.pdf	31/03/2021 19:34:46	Jose de Bessa Junior	Aceito
Orçamento	ORÇAMENTO_ProjetoDSAU.docx	31/03/2021 19:34:22	Jose de Bessa Junior	Aceito
Folha de Rosto	FR_BESSA_Estudantes.pdf	31/03/2021 19:33:56	Jose de Bessa Junior	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ANuencia_Projeto_DSAU.pdf	31/03/2021 16:36:17	Jose de Bessa Junior	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_pesquisadores_Projeto_DS AU.pdf	31/03/2021 16:36:08	Jose de Bessa Junior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Projeto_DSAU.pdf	31/03/2021 16:35:56	Jose de Bessa Junior	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_Projeto_DSAU.docx	31/03/2021 16:35:40	Jose de Bessa Junior	Aceito

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA
 Telefone: (75)3181-8124 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 6.147.386

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FEIRA DE SANTANA, 28 de Junho de 2023

Assinado por:

LIZ SANDRA SOUZA E SOUZA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** csp@uefs.br



“E não nos cansemos de fazer o bem,
pois no tempo próprio colheremos, se
não desanimarmos.”

— **Gálatas**

